

A JÓIA SUPREMA DO DISCERNIMENTO

(VIVEKACHUDAMANI)

(Viveka Churhamoni)

SRI SHANKARACHARYA

Traduzido (com notas) do original para o espanhol por Swami Vijoyananda¹, monge da Ordem Ramakrishna



1. Saúdo ao meu bondoso Guru (Mestre espiritual) Govinda, cuja natureza é bem-aventurança suprema, a quem só é possível conhecer quando se realiza o verdadeiro significado da filosofia Vedanta, quem está além do alcance da palavra e do pensamento. (Govinda é um dos nomes de Deus, em Seu aspecto protetor, Vishnú).
2. É difícil lograr o nascimento como ser humano; mais ainda como homem; mais raro ainda como brahmin; mais ainda como aquele que segue a religião védica; muito mais adquirir a erudição das escrituras; o discernimento entre o Ser e o não-Ser (o Real e a irrealidade), a realização suprema da espiritualidade e o logro do estado de contínua identidade com Brahman (o Supremo). A liberação (o final da ignorância) não se conquista sem os méritos conseguidos em milhões de vidas.

¹ Swami Vijoyananda (1898-1973), discípulo de Swami Brahmananda, foi o pioneiro da Vedanta na América do Sul e líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina.

Nota: A tradução do Espanhol para o Português foi feita por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

3. Existem três coisas que na verdade são excepcionais e que só são logradas pela misericórdia divina: o nascimento humano, o anelo pela liberação e a cuidadosa proteção de um sábio espiritual que alcançou a perfeição.
4. Realmente comete suicídio aquele que após haver nascido como ser humano, em corpo masculino e que, além disso, tem profundo conhecimento dos Vedas, como um néscio não faz esforço algum para conseguir a liberação; este homem marcha para sua própria destruição apegando-se aos objetos efêmeros.
5. Há alguém mais néscio que aquele que, depois de haver tomado este excepcional corpo masculino do ser humano, se torna negligente e não faz o esforço devido para conquistar a meta real desta vida (a liberação)?
6. Ainda que as pessoas cite as escrituras e façam todos os cultos e adorações às distintas divindades, tudo isto não lhes dará a liberação final até que realizem sua identidade com o Atman (o Ser); não, nem no incontável tempo de cem Brahmas. (Segundo a mitologia hindu, um Brahmá dura em seu ofício de Criador, cem anos celestiais. Um dia celestial equivale a 432 milhões de anos humanos).
7. Declaram os Vedas: Não há esperança de conseguir a imortalidade pela riqueza. Por isso é evidente que as distintas obras não podem causar a liberação.
8. Portanto, o homem preparado deve fazer o maior esforço para alcançar a liberação final. Depois de haver renunciado ao desejo de gozar os objetos externos, deve se aproximar, como corresponde, de um preceptor bondoso e fixar sua mente sobre a verdade infundida por ele.
9. Havendo logrado o estado de *Yoga rudha* (mencionado no Bhagavad Gita, VI-4, aquele que não está apegado aos objetos dos sentidos nem às ações e renunciou a todos os desejos mundanos, logra este estado), por devoção ao verdadeiro discernimento, deve salvar-se do oceano de nascimento e morte, onde estava profundamente submerso.
10. Que o homem erudito e inteligente, depois de haver começado a prática de realizar ao *Atman*, renuncie a toda atividade egoísta e tente cortar os laços do nascimento e morte.
11. A ação (ainda que seja boa) só purifica a mente; o trabalho não produz (diretamente) a percepção da Realidade. O logro da Verdade

é causado pelo discernimento; não se logra absolutamente nada nem pela realização de dez milhões de atos.

12. Pelo adequado raciocínio, se consegue a convicção sobre a realidade de uma corda, o que extermina o angustioso temor e o estado miserável provocado pela (irreal) serpente produzida pela mente enganada. (Vendo a corda no solo, na escuridão, a mente gera com isso uma serpente [pensa que é uma serpente] e sente medo).
13. Nota-se que a convicção da Verdade surge do raciocínio sobre os conselhos benéficos de um sábio perfeito; mas jamais pelos banhos nos rios sagrados nem pelas obras de caridade, nem por centenas de *pranayama* (prática de respiração yóguica).
14. O êxito depende essencialmente de que o aspirante esteja bem preparado. O tempo, o lugar e outros meios são fatores subsidiários.
15. Portanto o aspirante da Realidade, depois de aproximar-se do Guru, que deve ser o melhor dos conhecedores de Brahman e cuja bondade é tão imensa como o oceano, deve fazer a introspecção.
16. Aquele que é inteligente e instruído e que sabe argumentar em favor das escrituras e pode refutar todos os argumentos contrários, é considerado como digno recipiente do conhecimento do Atman.
17. O homem que sabe discernir entre o Real e o irreal, cuja mente se afastou da irrealidade, que possui calma e as outras virtudes requeridas e anela fervorosamente a liberação final, só ele é considerado com a preparação para inquirir sobre Brahman (o Supremo).
18. A este respeito os sábios falaram de quatro classes de práticas sucessivas, cujo exercício faz prosperar o fervor por Brahman, e em sua ausência acontece o contrário.
19. Antes de tudo é necessário o discernimento entre o Real e a irrealidade; segue a aversão pelo gozo dos resultados que as ações produzem aqui e no além; depois vem a prática dos seis requisitos essenciais, como a calma e outros e por último os sábios bem claramente falam do anelo pela liberação.
20. A firme convicção da mente de que Brahman é o único Real e que o universo é irreal, é conhecida como *viveka* (discernimento) entre o Real e o irreal.

21. *Vairagya* ou renúncia é o desejo de abandonar todos os gozos transitórios que começam por ter um corpo vivo e terminam no estado de Brahma (Criador), (ao conhecer seus defeitos e desvantagens) pela própria observação, a instrução do preceptor e suas práticas.
22. A prática de manter firme a mente sobre sua meta (Brahman), depois de separá-la dos múltiplos objetos dos sentidos pela contínua observação dos defeitos que estes têm, é conhecida como *shama*, ou calma.
23. *Dama*, ou prática de autocontrole, é retirar os órgãos de ação (as cordas vocais, as mãos, as pernas, os órgãos genitais e o de evacuação) e os de percepção (os olhos, o nariz, os ouvidos, a língua e a pele) dos objetos que os atraem e colocá-los em seus respectivos centros. A melhor classe de *uparati*, ou o referido recolhimento, se logra quando não se permite que a mente funcione diante dos impactos dos objetos externos.
24. *Titiksha*, ou imperturbabilidade, é suportar todos os tipos de aflições sem ocupar-se em remediá-las e ao mesmo tempo sem queixa e inquietude.
25. Os sábios chamam *shrad-dha* ou crença, a verdadeira aceitação dos conselhos do Guru e das escrituras sagradas, depois de haver reflexionado devidamente sobre eles. Por tal aceitação o Real é percebido.
26. *Samadhana*, ou firme convicção sobre o Ser, se logra pela constante concentração do intelecto, ou faculdade determinativa, no puro Brahma e não pela condescendência com os pensamentos vagos.
27. *Mumukshuta*, ou ardente anelo de liberação, é o constante desejo de liberar-se de todas aquelas amarras imaginadas pela influência da ignorância primária que começa com o egoísmo e termina com o corpo; este desejo nasce quando o Ser se dá conta de sua verdadeira natureza.
28. Mesmo quando este anelo pela liberação é fraco ou moderado, pela graça do Guru pode produzir resultado, se são feitas as práticas de renúncia, calma e as outras.
29. Quando a renúncia e o anelo pela liberação são intensos, então as práticas de calma e as outras são frutíferas e compreende-se seu significado.

30. Mas quando a renúncia e o anelo pela liberação estão em um estado de letargia [inertes, sem intensidade], as práticas de calma e as outras são meramente aparências, como ver água no deserto (miragem).
31. Entre as coisas que conduzem à liberação, a devoção ocupa o primeiro lugar. (Segundo o Monismo) devoção é a busca da natureza real de si mesmo.
32. Há outros que opinam que devoção é indagar a verdade do Ser de si mesmo. O buscador de tal verdade que possua as virtudes já mencionadas deve aproximar-se de um sábio preceptor, que lhe outorgará a emancipação.
33. -34. Guru (Mestre espiritual) é aquele que está versado nos Vedas, que não tem nenhum pecado, nem está vencido pelos desejos, que é o melhor dos conhecedores de Brahman, que está estabelecido em Brahman, tranqüilo como um fogo cujo combustível foi consumido (porque todas suas atividades no plano relativo cessaram para sempre), que é como um infinito oceano de bondade, que não faz nenhuma distinção e é amigo de toda pessoa boa que se prosterna ante ele; aproximando-se e saudando com devoção a este Guru e satisfazendo-o pela saudação, humildade e serviço pessoal (o discípulo) deve fazer-lhe perguntas sobre tudo o que quer saber.
35. Ó Mestre, amigo dos respeitosos, oceano de bondade, te saúdo. Caí neste oceano de nascimento e morte; salve-me com teu olhar direto que esparge a doce bondade suprema.
36. Salve-me da morte; estou me queimando no tremendo fogo desta selva mundana; aterrorizado, estou tremendo diante dos ventos de origem desconhecida que me levam daqui para lá (dos resultados das más ações passadas). Tomo refúgio em ti, porque não conheço a ninguém mais.
37. Existem almas boas, tranqüilas e com magnanimidade, que como a primavera, fazem bem a todos, que depois de haver cruzado este espantoso oceano de nascimento e morte ajudam a outros a cruzá-lo, sem nenhum motivo particular (por sua natureza bondosa).
38. A natureza dos magnânicos é atuar voluntariamente, ajudando aos demais a livrar-se de suas dificuldades. Por exemplo, aqui está a lua que, como todos sabem, voluntariamente salva a terra dos raios abrasadores do sol.
39. (Disse o aspirante:) Ó Senhor, eu que estou atormentado pelas aflições mundanas, que são como as chamas do fogo no bosque,

rocia-me com tuas palavras de néctar, especialmente adocicadas pela tua bem-aventurança de Brahman, aquelas palavras puras e refrescantes que brotam de teus lábios como água de manancial. Benditos são os que, ainda que por um olhar passageiro teu, são aceitos por ti.

40. Nada sei sobre como cruzar este oceano da existência fenomenal, de qual será minha sorte e que caminho devo tomar. Por favor, salve-me, ó Senhor, e ensine-me detalhadamente como pôr um fim a este sofrimento da existência relativa.
41. Quando atormentado pelas aflições do mundo, que é como um bosque em chamas, e buscando a proteção do santo, o aspirante falou assim, o grande Ser olhou com imensa ternura para ele e de repente lhe disse que deixasse toda ideia de medo.
42. O sábio por pura compaixão começou a dar conselhos sobre a Verdade a este aspirante que, anelando a liberação, se havia refugiado nele. O aspirante obedecia devidamente todos os mandamentos das escrituras, a condição natural de sua mente era tranqüila e, além disso tinha o treinamento de *shama* (veja verso 22).
43. (Disse o sábio:) Ó erudito, não tenhas medo, não há morte para ti. Existe um meio de cruzar este oceano da existência. Aconselharei a ti sobre aquele mesmo caminho que os sábios seguiram para cruzar este oceano.
44. Existe um grande meio que aniquila o medo da existência relativa; por este meio cruzarás o oceano de *samsara* (literalmente, o que se move constantemente, este mundo de nascimento e morte) e lograrás a bem-aventurança suprema.
45. Da introspecção sobre o significado da Vedanta nasce o conhecimento superior, que é seguido imediatamente pela destruição total do sofrimento da existência relativa.
46. O *Shrutis* (os Vedas; são também chamados assim porque antigamente eram aprendidos de ouvido, em forma oral) declaram que, para aquele que anela a liberação, os requisitos imediatos são: fé, devoção e o yoga da meditação. Quem quer que os possua se libera das amarras do corpo que é uma obra de prestidigitação (ilusionismo) de *avidya* (ignorância primária).
47. Realmente, pelo contato com a ignorância, tu que és o Ser Supremo, te encontras ligado com o não-Ser e daí procede o ciclo de nascimento e morte. O fogo do conhecimento que foi aceso pelo discernimento, queima até a raiz os efeitos de *avidya*.

48. Disse o discípulo: Ó mestre, concede-me o favor de escutar a pergunta que vou fazer. Eu me sentirei sumamente satisfeito de ouvir uma resposta vinda de teus lábios.
49. Na verdade, o que é a amarra? De onde veio? Como continua existindo? Como nos libertamos dela? Que é este não-Ser? Quem é o Ser Supremo? Como se faz o discernimento entre eles? Por favor, fala-me sobre tudo isto.
50. O Guru respondeu: És afortunado! Lograste a meta de tua vida; santificaste tua família desejando o estado de Brahman, libertando-te das amarras da ignorância.
51. Um pai tem a seus filhos e outros para que o libertem de suas dívidas (pagando-as); mas não tem a ninguém mais que a si mesmo para romper suas amarras.
52. O mal-estar causado por um objeto pesado sobre a cabeça pode ser aliviado por outros (tirando tal objeto), mas ninguém além de si mesmo pode pôr fim ao sofrimento causado pela fome, etc..
53. Se vê curar por completo ao enfermo que (pessoalmente) toma o remédio e segue a dieta adequada e não porque o faça o próximo.
54. A verdadeira natureza dos objetos deve ser conhecida pessoalmente, pelo olho da iluminação clara e não através de outro, ainda que seja um sábio. O que a lua é realmente é conhecido pela própria visão; por acaso outros podem fazê-lo saber?
55. Quem além de si mesmo pode salvar-se das correntes e amarras causadas pela ignorância, os desejos e as ações? Por outros, nem em um bilhão de ciclos.
56. Nem pela prática de *hatha yoga* (que somente fortalece o corpo), nem seguindo o sistema *Samkhya* (que predica o discernimento entre o Ser individual e a natureza físico-mental), nem pelos trabalhos meritórios (que dão prazer e satisfação aqui e gozos celestiais após a morte), nem pela erudição, se logra a liberação. Somente realizando a identidade entre o Ser e Brahman se libera, outros meios não servem.
57. A beleza da forma da vina (instrumento musical de cordas) e a técnica de tocá-la, meramente causam certo prazer a algumas pessoas; mas não oferecem soberania a ninguém.
58. O dom da conversação didática, que é como uma chuva de meras palavras, a desenvoltura em explicar os textos religiosos e outros

tipos de erudição, trazem um pouco de alegria ao instruído, mas tudo isto não serve em absoluto para a liberação.

59. Em vão é o estudo dos livros sagrados se a suprema verdade permanece desconhecida; igualmente resultam inúteis os estudos quando se logra o conhecimento supremo.
60. As escrituras, cheias de palavras, são como um bosque onde a mente perde seu rumo. Por isso o sábio deve dedicar-se unicamente a conhecer a verdadeira natureza do *Atman*.
61. Para aquele que foi mordido pela serpente da ignorância, o único remédio é o conhecimento de Brahman. De que podem servir os Vedas, os *Mantrams* (formulas sagradas), as escrituras e outros remédios?
62. Assim como só pronunciando o nome do medicamento não se cura a enfermidade, porém é necessário tomá-lo, assim também, sem ter o conhecimento direto ninguém logra a liberação. A mera pronúncia da palavra Brahman não produz grande efeito.
63. Até que se faça desaparecer (da mente) ao mundo objetivo e se conheça a verdade do Ser, como é possível lograr a liberação repetindo somente a palavra Brahman? Isto resultaria em mero esforço de articulação fonética.
64. Sem destruir aos inimigos e sem possuir a glória de ser dono de todo território circunvizinho ninguém se faz imperador somente pelo fato de repetir: "Sou o imperador".
65. Para ser dono de uma pedra preciosa que está oculta sob a terra, necessita-se adequado conhecimento (geológico), o trabalho de escavação, tirando todas as pedras e demais obstáculos que a cobrem e por último, pegá-la para si; mas nunca dizendo apenas: "Que saia a pedra" nos apossamos dela. Assim, a verdade transparente do Ser que está coberto por Maya e seus efeitos, só se realiza pelos conselhos de um conhecedor de Brahman e depois pela introspecção e demais práticas, mas jamais por argumentações inúteis.
66. Por isso, da mesma forma que nos casos de enfermidade e outros, o bom aspirante, pessoalmente deve fazer todos os esforços para liberar-se dos repetidos nascimentos e mortes.
67. A pergunta que me fizestes é excelente, é aprovada pelos conhecedores das escrituras, é significativa e deve ser feita por todos os aspirantes que buscam a liberação.

68. Ó instruído, agora escuta com atenção o que vou lhe dizer. Ouvindo-o, imediatamente te libertarás das amarras deste mundo.
69. O primeiro passo à liberação inicia com a extrema aversão por todos os objetos perecedouros; logo seguem as práticas de calma, autocontrole, imperturbabilidade e a renúncia a todos os trabalhos que se fazem para lograr mérito.
70. Depois vem o ato de ouvir (a suprema verdade dos lábios do Guru), reflexionar sobre o que foi ouvido e a ininterrupta e constante meditação sobre a Verdade. Fazendo tudo isso o sábio logra o estado de *Nirvikalpa* e nesta mesma vida goza da bem-aventurança do *Nirvana* (estado supra-consciente e inexpressável; neste estado todas as ondas mentais se detêm, não há mais distinções entre sujeito e objeto e o aspirante se une para sempre com o Ser Supremo).
71. Agora lhe falarei extensamente sobre o discernimento entre o Ser e o não-Ser. Isto é o que deve saber. Escute com atenção e depois tome sua decisão.
72. -74. Os sábios denominam de corpo denso a esta morada da paixão irracional pelo "eu" e "meus", que está constituído de sete componentes: medula, ossos, gordura, carne, sangue, pele e cutícula. Este corpo tem os seguintes membros e suas partes: as pernas, os músculos, o peito, os braços, as costas e a cabeça. Os elementos sutis são: éter, ar, fogo, água e terra; a união deles entre si forma este corpo denso e as essências dos elementos mencionados formam os sentidos: ouvido, tato, olfato, paladar e visão. Os objetos dos sentidos proporcionam alegria e tristeza ao ser individual, que é quem faz as experiências (os objetos nascem da união da metade de um elemento e um oitavo de cada um dos quatro restantes).
75. Aqueles néscios que estão atados a estes objetos dos sentidos pela forte corrente do apego, que é difícil de romper, vêm e vão para cima ou para baixo (nascem em diferentes corpos e morrem) como obrigados pelos emissários criados por sua própria ação (Os *samskaras*, a parte sutil de nossa experiência, dos pensamentos e ações, são os emissários que nos obrigam a tomar tal ou qual corpo).
76. Por seu apego particular ao som morre o cervo, ao tato o elefante, ao olfato a abelha negra, ao paladar o peixe e a cor da chama a mariposa. Podes imaginar o que espera ao homem que está apegado aos cinco sentidos.

77. Os objetos dos sentidos são mais virulentos, em seus maus efeitos, que o veneno da cobra. O veneno [da cobra] só mata ao homem quando é ingerido, enquanto que os objetos dos sentidos matam apenas pelo contato com qualquer órgão.
78. Só aquele que está livre das terríveis amarras do desejo pelos objetos dos sentidos, que são muito difíceis de romper, está preparado para a liberação e ninguém mais; ainda que seja muito versado nas seis filosofias.
79. O tubarão do desejo segura pela nuca aqueles aspirantes que, por desapego superficial, estão tentando cruzar este oceano de *samsara* (nascimento e morte). Este tubarão os arrancam violentamente de suas práticas e os afogam na metade do caminho.
80. Aquele que matou o tubarão dos desejos com a espada do desapego maduro, se sente livre de todos os obstáculos e cruza o oceano de *samsara*.
81. Saiba que a morte logo alcança o néscio que caminha pelas terríveis trilhas dos prazeres sensórios, enquanto que aquele que conduz sua vida conforme os conselhos de um verdadeiro Guru, que é quem melhor o quer, e também por seu próprio raciocínio, logra a meta. Conheça isto como a verdade.
82. Se realmente tens o anelo de lograr a liberação, afaste-se para longe dos objetos materiais como se fossem venenosos e cultive sempre cuidadosamente as grandes virtudes do contentamento, compaixão, indulgência, honradez, calma e autocontrole.
83. Abandonando o contínuo esforço para emancipar-se da ignorância que não tem princípio, aquele que apaixonadamente se dedica a nutrir seu corpo, que é um objeto de gozo para outros, comete suicídio.
84. Qualquer um que aspire em estabelecer-se no estado do Ser dedicando-se unicamente a nutrir o corpo, perece como aquele que cruza o rio abraçado a um crocodilo, confundindo-o com um tronco.
85. A paixão irracional pelo corpo e os demais objetos, é a morte certa para um aspirante à liberação. Aquele que a venceu completamente merece ser livre.
86. Vence a paixão irracional pelo corpo, pela esposa e filhos. Derrotando-a, os sábios alcançaram o supremo estado de *Vishnú* (liberação).

87. Este corpo denso feito de pele, carne, sangue, veias, artérias, gordura, medula, ossos e outras coisas sujas, deve ser desprezado.
88. Este corpo é produzido pelas ações passadas de si mesmo, dos elementos densos constituídos pela quintupla união dos elementos sutis. Este corpo é o meio para as experiências do ser individual que, quando está desperto, percebe os objetos densos.
89. O ser individual, ainda que sempre esteja separado, ao identificar-se com esta forma, goza pelos órgãos externos aos objetos densos como as guirlandas, pasta de sândalo, etc. No estado de vigília este corpo funciona plenamente.
90. Saiba que este corpo denso é como um lar para aquele que vive uma vida no mundo. Por ele o homem faz todos seus tratamentos com o mundo externo.
91. As diferentes características do corpo denso são: nascimento, decrepitude e morte. A infância, a juventude, a gordura, a esbeltez, etc., são suas distintas condições. Este corpo tem várias restrições com relação à posição social, está sujeito às enfermidades e também recebe diferentes tratamentos como adoração, insulto ou altas honrarias.
92. Os ouvidos, a pele, os olhos, o nariz e a língua são os órgãos de conhecimento, porque eles nos ajudam a conhecer os objetos. O órgão vocal, as mãos, as pernas, etc., são os órgãos de ação.
93. -94. O órgão interno, segundo sua função se chama: *manas* (mente), quando reflexiona sobre o "sim" ou "não" de uma ideia ou objeto; *bud-dhi*, quando determina a verdade de algo, *ahamkara* (ego) quando se identifica com o corpo e *chitta*, quando funciona buscando os objetos de gozo.
95. Como o ouro ou a água, que conforme suas modificações levam nomes distintos, assim o mesmo *prana*, segundo sua função é conhecido como *prana*, *apana*, *vyana*, *udana* e *samana*.
96. O grupo dos cinco órgãos da ação, o dos cinco de conhecimento, o dos cinco *pranas*, o dos cinco elementos, o órgão interno (*bud-dhi* e os demais), a ignorância primária, o desejo e a ação, são as oito "Cidades" que compõem o corpo sutil.
97. Ouve: este corpo sutil, que também se chama corpo *linga*, é produzido pelos elementos básicos, antes do processo de subdivisão e reagrupamento e tem os desejos que obrigam ao ser individual a ter experiências dos frutos das ações. Este corpo sutil é somente um atributo que não tem princípio e que o Ser o leva por sua

própria ignorância. (Este atributo nascido da ignorância forma o conceito de "individualidade".)

98. -99. O sonho é um estado diferente da vigília, nele o Ser brilha por si mesmo. Neste estado, *bud-dhi* (o órgão interno) empurrado pelos desejos do estado de vigília atua por si só, desempenhando os diferentes papéis de sujeito e objetos, enquanto o Ser brilha em Sua própria glória. Neste estado o Ser se mantém como testemunha sem conexão; as ações de Seu único atributo, *bud-dhi*, não o mancham.
100. Assim como a enxó e outras ferramentas são instrumentos nas mãos de um carpinteiro, assim este corpo sutil é o instrumento para todas as atividades do Ser. Por isso, o *Atman* é perfeitamente inconexo.
101. Ver bem, ver pouco ou não ver nada são condições do olho, devido meramente a sua aptidão ou defeito. Assim também com a surdez e a mudez, que são condições do ouvido e do órgão vocal, mas jamais são do *Atman*, o Conhecedor.
102. Os sábios opinam que inalar, exalar, bocejar, espirrar, secretar, deixar o corpo, etc., são funções do *prana* e das demais (forças vitais). As características próprias do *prana* são a fome e a sede.
103. O órgão interno (a mente matéria), que está dotado do reflexo do *Atman*, tem seu assento nos órgãos tais como o olho, etc., e também no corpo, identificando-se com todos eles.
104. Saiba que o ego é aquele que, identificando-se com o corpo, se torna o ator, aquele que goza ou sofre e também assume os três estados (de vigília, sono com sonhos, e sono profundo), quando se associa com os três *gunas* (*sattva*, *rajas* e *tamas*) da *prakriti*. (Os três *gunas* são os fatores constituintes da natureza).
105. Este ego se sente alegre quando são agradáveis os objetos dos sentidos e sofredor e miserável quando são desagradáveis. Por isso, alegria e sofrimento são características do ego e nunca do sempre bem-aventurado *Atman*.
106. O agradável dos objetos dos sentidos não é próprio deles; eles o têm porque o *Atman*, que é o mais querido de tudo, se manifesta neles. Assim o *Atman* é sempre bem-aventurado, nunca sofre.
107. Os *Shrutis* (Vedas), a percepção direta, a tradição e a inferência claramente atestam que durante o sono profundo temos a experiência da bem-aventurança do *Atman*, que não depende dos objetos dos sentidos.

108. *Avyakta* (a não-manifestada, a *prakriti*, antes da evolução cósmica, no estado de perfeito equilíbrio), *avidya* ou *maya*, é a força do Senhor; ela não tem princípio; os três *gunas* são seus componentes e é superior aos efeitos. Só aquele que possui um intelecto claro pode inferir sua presença; ela é aquela que projeta o universo inteiro.
109. Não é existente, nem é inexistente, nem toma parte de ambas as características; não é a própria, nem é diferente, nem ambas as coisas. Não está composta, nem é indivisível, nem ambas as coisas. Ela é a mais maravilhosa, não é possível descrevê-la com palavras.
110. Esta *maya* pode ser destruída pelo verdadeiro conhecimento do puro Brahman, o Um sem segundo, da mesma maneira que se corrige pelo discernimento da corda a equivocada ideia da serpente [referência à ilusão de se ver no escuro uma serpente em uma corda jogada no solo]. Os *gunas* (partes componentes) de *maya* são: *rajas*, *tamas* e *sattva*, conhecidos por suas respectivas funções.
111. *Rajas* tem *vikshepa-shakti* (poder de projeção), cuja natureza é atividade e desta força emanou a atividade primária (que causa alternadamente a evolução ou a involução deste mundo fenomenal). Também de *rajas* se produzem continuamente as modificações mentais como o apego, tristeza, etc.
112. Luxúria, ira, avareza, arrogância, rancor, egoísmo, inveja, etc., são os atributos deploráveis de *rajas*. A tendência mundana dos seres humanos vem de *rajas*; por isso *rajas* causa a escravidão.
113. *Tamas* tem o poder de *avritti* (que cobre a realidade). Este poder faz com que as coisas pareçam diferentes do que são. Este é o poder que causa as repetidas transmigrações dos seres humanos e aquele que inicia ao poder de projeção.
114. Até os muito sábios e eruditos, como também as pessoas bem versadas no tema do sutilíssimo *Atman*, ficam vencidos pelo poder de *tamas* e não chegam a compreender a verdadeira natureza do *Atman*, mesmo quando é explicada claramente de vários modos. O que é puramente uma ilusória superposição, eles a consideram como real e aderem à seus efeitos. Ó, que poderosa é esta *avritti* (a força de cobrir que *tamas* possui)!
115. Aquele que tem algum contato com esta *avritti*, jamais pode afastar-se da ausência do juízo correto, sempre faz juízos equivocados, carece de convicção e sempre duvida. Em seguida, o poder de projeção lhe causa incessante sofrimento.

116. Os atributos de *tamas* são: ignorância, languidez, procedimento indigno, sonolência, negligência, estupidez, etc. Aquele que se conecta com estes atributos perde toda compreensão e vive como adormecido ou inerte como um poste.
117. O *sattva* puro é transparente como água clara; no entanto, quando se une com *rajas* e *tamas*, causa a transmigração. A realidade do *Atman* se reflete em *sattva* e como o sol ilumina a natureza inteira.
118. Os signos de *sattva* misto (com *rajas* e *tamas*) são a completa ausência de vaidade, *niyama* (pureza, contentamento, etc.); *yama* (veracidade, não - matar, etc.); fé, devoção, anelo de liberação, tendências divinas (ver os primeiros versos do capítulo XVI do Bhagavad Gita) e afastar-se da irrealidade.
119. Os signos de *sattva* puro são: a alegria, a realização do próprio Ser, paz suprema, contentamento, bem-aventurança e devoção permanente ao *Atman*, pela qual o aspirante goza da bem-aventurança eterna.
120. Este não-manifestado (*avyakta*) composto dos três *gunas* é o corpo causal do Ser. Seu estado especial é o sono profundo, durante o qual as atividades da mente e dos órgãos ficam detidas.
121. No sono profundo cessam todas as percepções; neste estado a mente permanece como uma semente muito sutil. A prova disto é o veredicto universal: "Durante este período não tive noção de nada".
122. O corpo e os órgãos, os *pranas*, a mente, o ego, etc., todo tipo de funções físicas e mentais, os objetos dos sentidos, prazer, tristeza, os elementos e, em uma palavra, o universo inteiro, até o *avyakta*, tudo isto é o não-Ser.
123. Desde o *Mahat* (inteligência cósmica) até o corpo denso, tudo é obra de *maya*. Saiba que tudo isto e a própria *maya*, são o não-Ser, são irrealis como uma miragem.
124. Agora lhe falarei da natureza do Paramatman, por cuja realização o homem rompe com suas amarras e logra a liberação final.
125. Existe certa entidade absoluta, que é a base permanente da consciência do Eu, a testemunha dos três estados (vigília, sono com sonhos e sono profundo) e diferente das cinco envolturas (feitas de *anna*: matéria; *prana*: força; *manas*: pensamento; *vijnana*: conhecimento; *ananda*: bem-aventurança).

126. Esta entidade conhece tudo o ocorre nos estados de vigília, sono com sonhos e sono profundo; ela é consciente da presença ou ausência da mente e suas funções e é a base da noção do "eu". É o Paramatman.
127. Aquele que vê tudo, mas não pode ser visto por ninguém, que ilumina ao *bud-dhi* e aos outros (mente, ego, etc.), mas não pode ser iluminado por ninguém, é o Paramatman.
128. Aquele que interpenetra este universo, mas que ninguém pode penetrar; que ao brilhar faz com que todo universo brilhe como Seu reflexo, é o Paramatman.
129. Por sua mera presença, este corpo, os órgãos, a mente e o intelecto cumprem como servos com suas respectivas funções.
130. Por causa d'Aquele é que desde o ego até o corpo, os objetos dos sentidos, o prazer e as demais sensações são bem conhecidas, igual que se conhece uma jarra ao apalpá-la; porque Aquele é a essência do conhecimento eterno.
131. Este é o Ser mais íntimo, o *Purusha* (Ser) primário; Sua natureza é estar estabelecido na bem-aventurança infinita, Sua existência não varia nunca; no entanto, se reflete nas diferentes modificações mentais. Por Seu mandato, os diferentes órgãos e *pranas*, cumprem suas funções.
132. Neste mesmo corpo, na mente sáttvica (pura), na câmara secreta do intelecto há um espaço, conhecido como o não-manifestado. Ali, o *Atman*, de beleza extraordinária, brilha como o sol e manifesta este universo por Sua própria refulgência.
133. O conhecedor das manifestações da mente, ego, atividades do corpo, órgãos e *pranas*, aparentemente toma a forma deles, como o fogo toma a forma de uma bola de ferro candente. Mas Ele não atua nem está sujeito à mudança alguma.
134. Não nasce, nem morre, não cresce, nem envelhece, sendo eterno não sofre mudança alguma. Não deixa de existir mesmo quando este corpo é destruído. Por ser independente, permanece igual como o espaço depois da destruição da jarra.
135. O Ser Supremo é diferente da *prakriti* (origem do universo), e suas modificações. Ele é Absoluto, Sua natureza é o conhecimento puro; manifesta diretamente este universo, denso e sutil, nos três estados de vigília, etc., como base do persistente sentido do 'eu'. Também se manifesta como testemunha do intelecto, que é a faculdade determinativa.

136. Pela mente controlada e o intelecto purificado, realize diretamente teu próprio Ser e assim identificando-te com Ele, cruze o imenso oceano de *samsara* (o que se move constantemente; este universo), cujas ondas são o nascimento e a morte e estabelece-te em Brahman, que é tua própria essência e seja bem-aventurado.
137. Esta escravidão do homem é obra da ignorância; é o resultado de identificar o Ser com o não-Ser e por isso sofre o nascimento e a morte. Devido a essa ignorância o homem considera como real a este corpo transitório e identificando-se com ele, o nutre, o banha e tenta preservá-lo com diferentes objetos agradáveis e assim permanece envolto como um verme pelas fibras do casulo.
138. Aquele que está dominado pela ignorância, se confunde e toma uma coisa por outra. A ausência de discernimento o obriga a confundir a corda pela serpente e sofrer medo e outras coisas como estas. Assim, amigo meu, se forma a corrente quando o homem se equivoca e aceita como real ao transitório.
139. Esta *avritti* (força que encobre) cheia de ignorância, envolve ao Atman que é indivisível, eterno, o Um sem segundo, cuja glória é infinita e que se manifesta pelo poder do conhecimento. Esta força domina ao Ser como *Rahú* o faz com o sol (segundo a mitologia hindu, o demônio *Rahú* periodicamente domina ao sol; assim acontecem os eclipses solares).
140. Quando seu próprio Ser que está dotado de puríssimo esplendor permanece oculto, então o homem ignorante se identifica com o corpo, que é o não-Ser. Em seguida, a grande força de *rajas*, chamada *vikshepa* (aquela que projeta) o ata com as correntes da ira, luxúria, etc.
141. O homem de mente perversa, cujo conhecimento do Ser foi completamente devorado pelo tubarão da ignorância profunda, pessoalmente imita os diferentes estados do *bud-dhi* (intelecto), que é um atributo sobreposto pela ignorância primária e segue flutuando para cima ou para baixo (nasce e morre, tomando diferentes corpos, segundo seus desejos bons ou maus), neste imenso oceano do universo, cheio do veneno dos gozos sensuais; às vezes se submerge, outras vezes se levanta um pouco (às vezes perde todo raciocínio, outras vezes o recobra um pouco). Que destino miserável o do homem néscio!
142. Como as capas de nuvens geradas pelos raios solares, cobrindo o sol, aparecem sozinhas no céu (como se o sol não existisse), assim o ego gerado pelo *Atman*, cobrindo a realidade do Ser, aparece

como a única existência (Mas o ego também desaparece, como as nuvens quando o sol do *Atman* aparece).

143. Como em dia nublado, quando o sol fica completamente coberto por nuvens densas, se levantam ventos gelados que fazem as pessoas sofrerem, assim quando o *Atman* permanece oculto pela profunda ignorância, a terrível força de *vikshepa* faz o néscio passar por inumeráveis sofrimentos.
144. A escravidão do homem procede das duas forças (a que cobre e a que projeta) e enganado por elas, ele confunde o corpo com o Ser e continua vagando de corpo em corpo.
145. Da árvore do *samsara* (existência relativa), a ignorância é a semente; a identificação com o corpo é seu germe; o apego é o broto; o trabalho (egoísta) é a água da irrigação; o corpo é o tronco; as forças vitais são os ramos; os órgãos são as folhas ternas; os objetos dos sentidos são as flores; os sofrimentos que nascem dos diferentes trabalhos são os frutos e o ser individual é o pássaro pousado sobre esta árvore.
146. Esta amarra do não-Ser surge por si só da ignorância primária (não tem outra causa). Diz-se que não tem princípio ou fim (ainda que desapareça quando se realiza ao Ser). Esta amarra obriga ao homem a sofrer uma longa série de sofrimentos como o nascimento, enfermidade, decrepitude, morte, etc.
147. Não se pode destruir esta amarra com armas, ventos, fogo, nem com milhões de cultos (recomendados pelas escrituras e que se fazem com finalidades especiais); somente a maravilhosa espada do conhecimento, nascida do discernimento e afiada pela graça divina, pode destruí-la.
148. Aquele que é um apaixonado devoto da autoridade dos Vedas adquire firmeza em seu dever particular, que o conduzirá à purificação mental e lhe fará realizar ao Ser Supremo. Somente assim, a existência relativa e sua raiz (a ignorância primária) serão destruídas.
149. Como a água de um lago fica coberta pelo musgo que nasce nela, assim o Ser fica oculto atrás das cinco envolturas, como o *annamaya* (o corpo físico), etc., que são produtos de Sua própria força.
150. Retirando o musgo, aparece ao homem a água perfeitamente pura, que tira a sede e lhe proporciona alegria imediata.

151. Quando as cinco envolturas forem eliminadas (pelo discernimento), aparece Aquele Puro, o morador interno, cuja natureza é a permanência e a bem-aventurança pura e que é Supremo e luminoso.
152. Para retirar as amarras, o homem culto deve discernir entre o Ser e o não-Ser. Somente fazendo isto, chega ele a conhecer a seu Ser como Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta e se torna eternamente bem-aventurado.
153. É livre aquele que discerne entre os objetos dos sentidos e o Ser que não atua, desapegado, o morador interno, e que sabe separar o Ser de suas envolturas como alguém que tira o talo da erva, e submergindo tudo no Ser vive identificado com Ele.
154. Este corpo é produto do alimento e é a envoltura material que vive de alimento e morre quando não o tem; é uma massa de pele, carne, sangue, ossos e outras coisas sujas. Este corpo jamais pode ser o *Atman*, o qual é sempre puro e auto-existente.
155. Não existe este corpo antes de nascer nem existirá depois da morte; dura só um período curto. Suas qualidades são transitórias e variáveis; é um composto, inerte, um objeto dos sentidos, como uma jarra. Como pode ser o *Atman*, o Testemunha... de todas as mudanças?
156. O corpo composto de mãos, pernas, etc., não pode ser o *Atman*, porque mesmo faltando um de seus membros, o resto do organismo continua funcionando e o homem pode continuar vivendo. Como está subordinado a outros, este corpo não pode ser o *Atman*, que é o supremo condutor de todas as coisas.
157. É plenamente evidente que o *Atman* como a Realidade básica é distinto do corpo, suas características, atividades e estados. O *Atman* é a testemunha de todos eles.
158. Como pode o corpo que é um montão de ossos coberto pela carne, cheio de sujeiras e muito impuro, ser o auto-existente *Atman*, o Conhecedor, que é sempre diferente dele?
159. O néscio se identifica com esta massa de pele, carne, gordura, ossos e outras imundices internas, enquanto que o homem que discerne conhece a seu *Atman*, o único Real, muito diferente de seu corpo.
160. O néscio pensa que é o corpo, o erudito se identifica com a mescla do corpo e o Ser individual, enquanto que o verdadeiro sábio, cujo conhecimento puro nasceu do discernimento, realiza ao

eterno *Atman* como seu próprio Ser e tem a convicção: "Sou Brahman".

161. Ó néscio, deixe de identificar-se com este conjunto de pele, carne, gordura, ossos e sujeiras. Faça-o com Brahman Absoluto, a Alma de todos, e assim consiga a Paz Suprema.
162. Até que o instruído não renuncie à sua equivocada identificação com o corpo, os órgãos, etc., que são irrealis, não há nenhuma emancipação mesmo para ele, sendo tão erudito nos textos vedânticos e morais.
163. Como não te identificas com tua sombra, reflexo de teu corpo, nem com o corpo de teus sonhos ou de tua imaginação, tampouco te identifiques com este corpo vivo.
164. Para aqueles que estão apegados à irrealidade, só a identificação com este corpo é a semente que produz a grande aflição do nascimento, etc.; por isso, com sumo cuidado extermine-a. Quando se renuncia a ela não existe mais a possibilidade de renascimento.
165. A envoltura de *prana* (força vital) está feita do conhecido *prana* e os cinco *indriyas* ou órgãos de ação (os centros do cérebro que controlam as atividades da fala, as mãos, as pernas, os órgãos de excreção e reprodução). A envoltura material (feita de comida), interpenetrada pela envoltura de *prana*, faz como se tudo fosse vivo.
166. Tampouco esta envoltura de *prana* é o *Atman*, porque é uma modificação de *vayu* (ar, força vital) e como o ar, entra no corpo e sai dele. Sendo eternamente dependente do Ser, jamais conhece seu próprio bem ou mal, nem os dos demais.
167. A envoltura mental está composta da mente e dos órgãos de conhecimento (os centros cerebrais que controlam a audição, a visão, o olfato, o paladar e o toque). Ela é a causa dos conceitos diversos como: "eu", "tu", "meu", "teu", etc. É poderosa e tem a faculdade de criar as diferenças de "nome" e "forma". Se manifesta interpenetrando a envoltura anterior, a das forças.
168. A envoltura mental é como o fogo do culto; nutre-se dos inumeráveis desejos, que são como combustíveis; os sacerdotes são os cinco órgãos dos sentidos. Este fogo permanece aceso pela contínua oferenda dos objetos e o resultado deste culto é o universo fenomenal (a mente projeta o universo objetivo).

169. Fora da mente não há nenhuma ignorância primária. Ela é a *avidya*, a causa da escravidão e do renascimento. Destruída a mente, tudo fica destruído; ela manifestada, tudo se manifesta.
170. Nos sonhos não há nenhum contato real com o mundo externo. É a mente que cria o mundo do sujeito, objeto e da relação entre eles. A mesma coisa acontece quando estamos despertos – não há nenhuma diferença. Por isso, tudo (o universo) é uma projeção mental.
171. É evidente, por experiência universal, que no sono profundo, quando a mente fica reduzida à seu estado causal, para o indivíduo adormecido não existe nada. Assim, a existência relativa do homem é simplesmente sua criação mental, não há nenhuma realidade objetiva.
172. O vento é que traz as nuvens e também as leva. Assim, ainda que a mente crie a escravidão do homem, é também a causa de sua liberação.
173. Primeiro ela cria no homem o apego por seu corpo e por outros objetos dos sentidos, o que o deixa atado como um animal pela corda. Depois a mesma mente cria no indivíduo um forte desgosto pelos mesmos objetos, faz senti-los como venenos e o libera (no final) da terrível escravidão.
174. Por isso a mente é a única causa de escravidão ou liberação do homem. Quando está manchada pelos efeitos de rajas, a mente conduz o homem à escravidão e ao purificar-se dos efeitos de rajas e tamas, leva ao homem à liberação final.
175. Quando pela superioridade do discernimento e da renúncia, a mente adquire a pureza, se dirige à liberação. Por isso o inteligente aspirante da liberação deve antes de tudo fortalecer estas duas virtudes.
176. Na selva dos prazeres sensórios o terrível tigre chamado 'mente' está observando cautelosamente. Que os homens bons que anelam a liberação jamais passem por ali.
177. Para aquele que busca experiências, a mente produz continuamente todos os objetos dos sentidos, sem exceção, sejam densos ou sutis (percebidos nos estados de vigília ou sono). Ela cria os distintos corpos, períodos da vida, classes sociais, tribos e também todas as atividades, qualidades, meios e resultados.
178. Alucinando ao ser individual, que é a Inteligência Pura, não ligada, e atando-o com as correntes do corpo, órgãos e *pranas*, a

mente o faz vagar, com as ideias de 'eu' e 'meu', entre os diversos prazeres e sofrimentos, que são o resultado de suas próprias ações.

179. A causa da transmigração do homem é o mal da "sobreposição" (o auto-hipnotismo que o faz esquecer seu estado de Ser). É a mente que cria esta corrente, de onde procedem todos os sofrimentos do homem, manchada de rajas e tamas.
180. Por isso, os sábios que se aprofundaram nos segredos (do Ser e do não-Ser), designaram a mente como *avidya* ou ignorância. É ela que faz mover ao universo de um lado a outro, como nuvens levadas pelo vento.
181. Por isso, aquele que anela a liberação deve purificar sua mente com todo esmero. Uma vez purificada, a liberação é tão fácil de lograr como a fruta em nossa mão.
182. Aquele que por sua única devoção pela liberação extirpa o apego aos objetos dos sentidos, renuncia a todas as ações (egoístas) e com fé em Brahman pratica regularmente o ouvir, etc. (ouvir a Verdade dos lábios do Guru, reflexionar e meditar), consegue limpar a natureza rajásica do intelecto.
183. Tampouco a envoltura mental pode ser o Paramatman (Ser Supremo), porque ela tem princípio e fim, está sujeita às modificações, é conhecida pelo sofrimento e é um objeto. Enquanto que o Sujeito (o Ser) jamais pode ser identificado pelos objetos.
184. *Bud-dhi* (a faculdade determinativa) com suas modificações (o conceito do 'eu', etc.) e os órgãos de conhecimento, tendo os caracteres de um apoderado, forma a envoltura do conhecimento, que é a causa da transmigração do homem.
185. Esta envoltura do conhecimento, que parece ser inteligente pelo reflexo do poder de *Chit* (o Ser), é uma modificação da *prakriti*, está dotada da função do conhecimento e sempre se identifica totalmente com o corpo, os órgãos, etc.
186. -187. Esta envoltura não tem princípio, se caracteriza pela ideia do 'eu', se chama *jiva* (homem individual) e faz tudo no plano relativo. Pelos desejos anteriores (da vida passada), faz o bem e o mal e experimenta seus resultados. Tomando distintos corpos em diversas esferas, vem e vai. É esta envoltura do conhecimento que tem os estados de vigília, sono com sonhos e sono profundo, e é ela que tem as experiências de prazer e dor.
188. Ela sempre se equivoca pensando que são seus os desejos, funções e atributos dos distintos períodos da vida (estudantil,

familiar, de retiro e renúncia total) que pertencem ao corpo. Esta envoltura é muito luminosa por estar próxima ao Ser Supremo. Pela identificação com este *upadhi* (qualificativo), que é a envoltura do conhecimento, o Ser sofre a transmigração.

189. O auto-luminoso *Atman*, o Conhecimento Puro, brilha no coração, entre os *pranas*. Ainda que seja imutável, se transforma, pelo *upadhi* da envoltura do conhecimento, no apoderado e experimentador.
190. Ainda que sendo o Ser o único que existe, assumindo as limitações de *bud-dhi* e identificando-se erroneamente com esta entidade totalmente irreal, se considera a si mesmo como algo diferente (como condicionado, ligado, nascido, etc.), como consideramos a uma jarra diferente da argila (da qual está feita; a diferença é só NOME e FORMA).
191. Por sua conexão com os *upadhis* (as modificações da prakriti, a existência relativa), o Paramatman, ainda que por natureza seja perfeito e imutável, assume as qualidades dos *upadhis* e parece atuar como eles; igual ao fogo, que não tem forma, assume a forma da bola de ferro incandescente.
192. -193. Perguntou o discípulo: Seja pela noção ilusória ou por qualquer outra causa, o Ser Supremo chegou a considerar-se como o *jiva* (ser individual) e este *upadhi* não tem princípio. Bem, o que não tem princípio é considerado como infinito. Por isso, o estado de Ser como *jiva* não terá fim e suas transmigrações continuarão. Então, ó venerado Guru, como haverá liberação para o Ser? Por favor, queres me explicar isto?
194. Respondeu o Guru: Fizeste a pergunta justa, ó sábio. Agora escuta com atenção. A imaginação, que foi enfeitada pela ilusão, jamais pode ser aceita como um fato.
195. Salvo por obra da ilusão, não pode haver nenhuma conexão entre o Ser e o mundo objetivo, porque o Ser é sempre inconexo, sem forma e está além das atividades; é como no caso do céu, o qual, ainda que não tenha cor alguma, por erro as pessoas lhe atribuem a cor azul.
196. O estado como *jiva* do *Atman*, ainda que este último seja o *Sakshi*, testemunha (do panorama universal), foi produzido pelo *upadhi* (sobreposição ilusória) de *bud-dhi* e não é real nem permanente. O *Atman* está além das atividades e qualidades e é realizado mui intimamente como Conhecimento e Bemaventurança-Absoluta. Como este estado por natureza é irreal, desaparece quando termina a ilusão.

197. Esse estado continua enquanto existe a ilusão, a qual nasce por falta de discernimento. Confunde-se a corda com a serpente enquanto dura a ilusão, e a serpente desaparece quando tal ilusão deixa de existir.

198. – 199. Da mesma maneira, *avidya* e seus efeitos são considerados como sendo sem começo. Mas quando nasce *vidya* (conhecimento superior), a totalidade dos efeitos de *avidya* e ela própria, ainda que sejam sem começo, se desvanecem como as coisas de um sonho ao despertar. É evidente que o universo fenomenal não é eterno ainda que não tenha um princípio definido, como a *pragabhava* (prévia inexistência).

(*Pragabhava* é um conceito da lógica hindu. Segundo esta escola, quando dizemos que certo objeto aparece em um momento definido, presumimos que existia a inexistência de tal objeto antes de sua aparição. É óbvio que tal “prévia inexistência” é sem princípio e que desaparece totalmente com a aparição do objeto. Assim, *avidya* (a ignorância primária), ainda que não tenha princípio, cessa quando nasce o conhecimento superior).

200. – 201. Vimos que o *pragabhava*, ainda que não tenha um começo definido, tem seu fim. Assim, o estado de *jiva*, que foi imaginado no *Atman* por Sua relação com os *upadhis* (atributos sobrepostos) como o *bud-dhi*, não é real; em troca, o *Atman* é essencialmente distinto do Ser individual. A relação entre o *Atman* e o *bud-dhi* vem da ignorância.

(*Upadhi*, ou atributo sobreposto: Como pela presença de uma flor vermelha um cristal parece vermelho, assim pela presença de *bud-dhi* e outras modificações da *prakriti*, o Puro *Atman* parece condicionado como *jiva*. Ou como quando se vê um objeto detrás de uma cortina, por um furo, ao princípio o vê parcialmente. Mas quanto mais aumenta o tamanho do furo, mais claro aparece o objeto. Assim com respeito ao *Atman*, nós temos ideias errôneas. As mudanças acontecem na *prakriti* e suas modificações e pensamos que o que muda é o Ser. O *Atman* é sempre livre, os *upadhis* o fazem aparecer como condicionado. Quando nasce o conhecimento superior desaparecem os *upadhis*.)

202. O término de tal *upadhi* ocorre unicamente quando se logra o Conhecimento Puro e nunca por outros meios. Segundo os *Shrutis* (os Vedas), o Conhecimento Puro consiste na realização de que o *jiva* e Brahman são idênticos.

203. Logra-se esta realização pelo perfeito discernimento entre o Ser e o não-Ser. Por isso se deve discernir entre o Ser individual e o Ser Eterno.
204. –205. Como ao tirar o barro da água barrenta, de novo aparece a água cristalina, assim ao tirar a mancha (*upadhi*), o *Atman* se manifesta em toda a Sua glória. Quando se desvanece a irrealdade, este mesmo Ser individual é definitivamente realizado como o Ser Eterno. Por isso, se deve resolver firmemente limpar todos os conceitos de ego, etc., que colocamos sobre o Ser Eterno.
206. Esta envoltura de conhecimento, da qual estamos falando, não pode ser o Paramatman pelas seguintes razões: está sujeita a mudanças, é insensível, é limitada, é um objeto dos sentidos e sua presença não é constante. Não se pode aceitar a irrealdade como o Eterno *Atman*.
207. A envoltura da felicidade é aquela modificação da *prakriti* que se manifesta captando o reflexo do *Atman*, que é Bem-aventurança Absoluta. Os atributos dessa envoltura são os distintos graus de prazer. Ela se manifesta quando se apresenta diante de nós algum objeto agradável. Espontaneamente faz sentir sua presença quando qualquer afortunado desfruta dos resultados de seus atos meritórios, os quais proporcionam a todos os seres corpóreos grande gozo sem maiores esforços.
208. No sono profundo, esta envoltura de felicidade tem sua maior demonstração, enquanto que se manifesta parcialmente nos estados de sono com sonhos e vigília, quando se aproxima de nós algum objeto ou ideia agradável.
209. Tampouco a envoltura da felicidade é o Ser Supremo, porque tem atributos mutáveis, é uma modificação da *prakriti*, é o efeito das boas ações do passado e está aderida às demais envolturas que (também) são modificações.
210. Quando todas estas cinco envolturas foram eliminadas pelo raciocínio sobre os ditos védicos (como "*Neti, Neti*", "isto não, isto não"), o que fica como ponto culminante do processo (de discernimento) é o *Sakshi*, a Testemunha, o Conhecimento Absoluto, o *Atman*.
211. O sábio deve realizar (perceber intimamente) como seu próprio Ser a este *Atman* auto-luminoso, que é distinto das cinco envolturas. Este *Atman* é a Testemunha dos três estados (vigília, sono com sonhos e sono profundo), é o Real, Imutável, Imaculado e a Bem-aventurança Absoluta.

212. Perguntou o discípulo: Ó Guru! Quando estas cinco envolturas forem eliminadas, não vejo neste universo nada mais do que o vazio, a ausência de tudo. Então, o que é que fica, com o qual o sábio deve identificar-se?
213. -214. Respondeu o Guru: És um sábio, disseste a verdade. Vejo que és hábil em discernir. Aquilo pelo qual todas essas modificações, como o (presente) ego, intelecto, etc., e suas posteriores ausências são percebidas, mas que ninguém chega a perceber, conheça-O por teu agudíssimo intelecto, como o *Atman*, o Conhecedor Supremo.
215. -216. O que é percebido por algum ente, tem a este último como testemunha. Mas quando não existe o ente que percebe, não podemos dizer que houve percepção. Este *Atman* é sua própria testemunha, porque é autoconsciente. Por isso o Ser individual é o Supremo Brahman e nenhum outro.
217. Aquele que se manifesta claramente nos estados de vigília, sono com sonhos e sono profundo, Aquele que é percebido internamente na mente em distintas formas como uma série de ininterruptas manifestações do ego, que é (ao mesmo tempo) a testemunha do "eu", intelecto, etc., os quais são de distintas formas e modificações, Aquele que se faz sentir como a Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta, é o *Atman*. Conheça-O em teu coração como teu próprio Ser.
218. Vendo ao reflexo do sol na água de uma jarra, o néscio o considera como ao sol mesmo. Assim, o alucinado tonto se identifica com o reflexo de *Chit* (Conhecimento Supremo) captado no intelecto, que é seu *upadhi* (modificação da ignorância).
219. -222. Como o sábio afastando-se da jarra, da água e do reflexo, olha diretamente ao auto-luminoso sol que ilumina aos três e ao mesmo tempo é independente deles; assim devemos afastar-nos do corpo, intelecto e do reflexo de *Chit* e realizar a Testemunha, ao *Atman*, ao Conhecimento Absoluto, a causa da manifestação de tudo, que mora oculto no interior de *bud-dhi*; se deve realizar ao Eterno, Onipresente, Todo-penetrante, ao Sutilíssimo, que não tem nem exterior nem interior, que é idêntico com o verdadeiro "eu"; realizando esta verdadeira natureza do "eu", se libera do pecado, dos defeitos, do pesar e da morte e se converte na figura da Bem-aventurança Suprema. Alcançando a emancipação não se teme a ninguém. Para o aspirante à Liberação não há nenhum outro meio de romper a corrente da transmigração que o logro do verdadeiro conhecimento de seu próprio Ser.

223. A causa da liberação das amarras do *samsara* (existência relativa) é a realização da identidade de si mesmo com Brahman e por esse meio o sábio logra o estado de Brahman, o UM sem segundo, a Bem-aventurança Absoluta.
224. Uma vez realizado este estado de Brahman, o homem não volta mais ao reino da transmigração. Por isso se deve realizar plenamente a identidade com Brahman.
225. Brahman é a Existência, o Conhecimento, o Absoluto, puro, supremo, auto-existente, eterno e a Bem-aventurança indivisível. Aquele não é diferente (em essência) do Ser individual e não tendo interior nem exterior, reina plenamente.
226. A única realidade é esta Suprema Unidade, porque não existe nada mais que o Ser. Em realidade, no estado da realização da Suprema Verdade, não existe outra entidade independente.
227. Todo este universo, que por ignorância aparece como diversas formas, não é outra coisa senão Brahman, que é livre de todas as limitações do pensamento humano.
228. Uma jarra, ainda que seja uma modificação da argila, não é diferente dela. Em qualquer parte, a jarra em essência é argila. Então por que denominá-la jarra? É uma coisa fictícia, é um nome de fantasia.
229. Ninguém pode demonstrar que a essência da jarra é algo diferente da argila (da qual é feita). Portanto, a jarra foi imaginada meramente pela ilusão; seu componente, a argila, é a realidade básica.
230. Do mesmo modo, o universo inteiro, sendo o efeito do real Brahman, em essência não é nada mais que Aquele. A realidade do universo é Brahman, fora do qual não há outra existência. Se alguém diz, "este é" (que o universo tem sua existência particular), está ainda sob a ilusão e está falando incoerentemente, como aquele que fala dormindo.
231. Em verdade este universo é Brahman, assim é a augusta proclamação do Atharva Veda. Por isso, este universo não é nada mais que Brahman; qualquer coisa sobreposta não tem outra existência que seu substrato.
232. Se o universo, como é, fosse real, então jamais terminaria o elemento dualista, as escrituras seriam falsificadas e o Senhor mesmo cometeria o delito de mentir. Nenhuma dessas alternativas

é considerada como desejável ou benéfica pelas pessoas de nobre mentalidade.

233. O Senhor, que conhece o segredo de tudo, sustentou este ponto de vista pelos seguintes ditos: "Mas Eu não estou neles", "nem os seres estão em Mim". (A referência a estes ditos se encontra nos versos 4 e 5 do capítulo IX do Bhagavad-Gita, onde Sri Krishna diz que a existência de tudo depende de Brahman, que é seu substrato e ao mesmo tempo Absoluto).
234. Se o universo é real, que se faça sentir também no estado do sono profundo; mas como não é percebido, certamente deve ser irreal e falso como os sonhos.
235. Por conseguinte, o universo não existe fora do Ser Supremo e a percepção de que o universo existe como algo distinto é tão irreal como as qualidades (o azul do céu, o vermelho do cristal colocado ao lado de uma flor vermelha, etc.). Por acaso um atributo sobreposto tem alguma existência distinta de seu substrato? É o próprio substrato que aparece em forma diferente devido à ilusão.
236. Qualquer que seja a percepção de alguém iludido, o que percebe é Brahman, nenhuma outra coisa que não seja Brahman. A prata não é distinta da madrepérola. (Se refere à cor prateada que tem a madrepérola). O que é sempre considerado como o universo é Brahman; enquanto que o universo, a sobreposição de Brahman, é apenas um nome.
237. -238. Assim é que qualquer coisa que se manifeste, este universo, por exemplo, é o próprio Supremo Brahman, o Real, o UM sem segundo, o Puro, a Substância do Conhecimento, o Imaculado, o Pacífico, sem princípio, Eterno, além da atividade e essência da Bem-aventurança Absoluta. Aquele transcende todas as diversidades criadas por maya, é Eterno, sempre está além do alcance do sofrimento, indivisível, incomensurável, sem forma, homogêneo, sem nome, imutável e auto-luminoso.
239. Os sábios realizam intimamente a Verdade Suprema, a Brahman, no qual não há distinção entre conhecedor, o ato de conhecer e o cognoscível, ao infinito transcendental e a Essência do Conhecimento Absoluto.
240. O que não pode ser abandonado nem recolhido (como qualquer objeto), que está fora do alcance da mente e da palavra, ilimitado, sem princípio e sem fim, o Todo, é o Ser de si mesmo e cuja glória ninguém pode ultrapassar.

241. -242. Quando o *Shruti* (os Vedas), pela afirmação "*Tat Tvam Asi*" (Tu és Aquele), estabelece repetidas vezes a identidade de Brahman e o *jiva*, o faz despojando estes termos de suas associações relativas, somente para inculcar a identidade dos dois em seu estado puro; pelo contrário, Aquele (como *Ishvara*, o Todo-poderoso) e tu (como *jiva*, o ser individual) são atributos tão distintos como o sol e o vaga-lume, o rei e o criado, o oceano e o poço de água e o monte Meru e o átomo.
243. A diferença entre eles (Brahman e *jiva*) foi criada pelos atributos ilusórios (*upadhi*) que não são reais. O *upadhi* (atributo) de *Ishvara* (o Senhor) é *maya*, a causa de *Mahat* (a inteligência cósmica) e os demais (as modificações que procedem de *Mahat*) e tu deves saber que o *upadhi* do *jiva* são as cinco envolturas.
244. Estes são dois respectivos *upadhis* de *Ishvara* e o *jiva* e quando eles são eliminados perfeitamente não haverá *Ishvara* nem *jiva* (para o aspirante monista). O reino é o símbolo do rei e o escudo o do soldado, mas quando são tirados não haverá nem rei nem soldado.
245. Ao dizer: "Este, pois, é o mandamento, etc.", os Vedas repudiam diretamente a dualidade imaginada em Brahman. Devem-se eliminar estes dois *upadhis* (sobreposições que criam em nossa mente os conceitos de *Ishvara* e *jiva*), pela realização íntima (da Suprema Verdade) sustentada pela autoridade védica.
246. Nem o mundo sutil, nem este mundo denso é o *Atman*. Como foram imaginados, são irrealis como os sonhos ou como a serpente vista na corda. Assim, primeiro se deve eliminar totalmente a ideia do universo objetivo e em seguida realizar a verdadeira identidade básica de *Ishvara* e *jiva*.
247. Por isso, os dois termos (*Ishvara* e *jiva*) devem ser bem considerados com relação aos seus significados implícitos, para que se possa estabelecer sua absoluta identidade. Nenhum dos métodos (lógicos) de recusa ou aceitação total nos servirá (para a compreensão). Deve-se raciocinar pelo método que combina os dois (recusa ou aceitação parcial).

(No sistema da lógica hindu existem três tipos de analogias: *yahati*, *ayahati* e *bhaga*. Na primeira, um dos termos da frase perde seu significado original. Por exemplo, quando se diz: "Os leiteiros do Gangá", a frase não significa que os leiteiros vivem dentro do rio Gangá, mas que vivem as margens deste rio. Na segunda, ainda que se mantenha o significado original, se agrega algo mais. Por exemplo, quando se diz "Corre o branco", se deve entender que

“corre o cavalo branco”. Aqui o “cavalo” foi agregado. Na terceira analogia, cada termo da frase deve deixar parte de seu significado. Para compreender isto, leremos os próximos capítulos).

248. -249. Por exemplo, na frase: “Este é Devadatta” (o mesmo homem a quem conhecemos antes) se fala da identidade da pessoa, eliminando as partes contraditórias (as diferenças de tempo, lugar, etc.). Do mesmo modo, considerando a frase “Tu és Aquele”, o sábio deve abandonar os elementos contraditórios de ambas as partes e reconhecer a identidade de *Ishvara* (o Senhor) e *jiva* (o ser individual), notando cuidadosamente que a essência dos dois é *Chit*, o Conhecimento Absoluto. Assim, centenas das declarações das escrituras inculcam a identidade e a unidade do *jiva* e Brahman.
250. Pela eliminação do não-Ser, à luz das passagens como: “Isto não é denso, nem sutil”, etc. (se realiza intimamente o *Atman*) que está estabelecido por Si mesmo, que é inconexo como o céu e está além de todas as categorias do pensamento. De modo que, desfaz este mero fantasma do corpo que percebes e que aceitaste como teu próprio Ser. Por meio da compreensão pura de que tu és Brahman, realiza o teu próprio Ser, ao Conhecimento Puro.
251. Todas as modificações da argila, como a jarra, etc., que têm sido aceitas pela mente como reais, não são (na realidade) nada mais que argila. Do mesmo modo, o universo inteiro, que tem sua origem em Brahman, é o próprio Brahman e nada mais que Aquele. Não havendo outra existência que Brahman e sendo Aquele a única auto-existente Realidade, aquele é nosso verdadeiro Ser. Por isso, tu és aquele Pacífico, Puro, Supremo Brahman, o UM sem segundo.
252. Assim como o lugar, o tempo, os objetos, aquele que percebe, etc., que surgem durante o sonho são irreais, assim é este mundo cuja experiência temos no estado de vigília, porque tudo é efeito de nossa própria ignorância; da mesma maneira este corpo, os órgãos, os *pranas*, o ego, etc., são também irreais. Por isso, tu és aquele Pacífico, Puro, Supremo Brahman, o UM sem segundo.
253. O que se supõe erroneamente existindo em algo, quando sua verdade é conhecida, resulta ser nada mais que o substrato e nada diferente dele. Este mundo variado de sonho vem e se vai como o próprio sonho. Ao despertarmos, por acaso aparece como sendo algo diferente do que o Ser de si mesmo?
254. O que está além dos conceitos de casta, credo, família e linhagem; o que está desprovido de nome, forma, mérito e demérito; o que transcende o espaço, o tempo e os objetos dos sentidos – Aquele Brahman tu és. Medita sobre isto profundamente.

255. Aquele Supremo Brahman que está além do alcance da palavra, mas que é acessível ao olho da iluminação pura, que é o puro conhecimento condensado, a entidade sem princípio, tu és. Medita sobre isto profundamente.
256. Aquele que não foi tocado pela sêxtupla onda (ilusão, pesar, fome, sede, decrepitude e morte), que é meditado pelo coração do yogui, mas não é alcançado pelos órgãos sensórios, ao que o *bud-dhi* não pode conhecer e que é impecável - Aquele Brahman tu és. Medita sobre isto profundamente.
257. Aquele que é o substrato do universo com suas diversas subdivisões, que são criações da ilusão; Aquele que se baseia sobre si mesmo, que é diferente do denso e do sutil, que não tem partes e é incomparável - Aquele Brahman tu és. Medita sobre isto profundamente.
258. Aquele, o indestrutível, que está livre do nascimento, crescimento, desenvolvimento, desgaste, enfermidade e morte, que é a causa da projeção, manutenção e dissolução do universo - Aquele Brahman tu és. Medita sobre isto profundamente.
259. Aquele que está livre de diferenciação, cuja essência jamais é inexistente, que é imóvel como o oceano sem ondas, o sempre-livre e de forma indivisível - Aquele Brahman tu és. Medita sobre isto profundamente.
260. Aquele que apesar de ser o Único, é a causa dos muitos e anula as demais causas, mas para si mesmo não tem causa, Aquele que é independente e distinto de *Maya* e seu efeito, o universo - Aquele Brahman tu és. Medita sobre isto profundamente.
261. Aquele que é livre de dualidade, infinito, imutável, diferente do universo e de *Maya*, Aquele é Supremo, eterno, Bem-aventurança invariável e imaculado - Aquele Brahman tu és. Medita sobre isto profundamente.
262. Aquela realidade, ainda que seja única, aparece como múltipla pela ilusão, tomando distintos nomes, formas, atributos e modificações, mas se mantém sempre idêntica como o ouro nas jóias - Aquele Brahman tu és. Medita sobre isto profundamente.
263. Aquele, além do qual nada existe, que brilha mesmo sobre *Maya*, que por sua vez é superior ao universo, seu efeito; Aquele é o mais íntimo Ser de todos e é livre de diferenciação; Aquele, o Ser Real, a Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta, o Infinito, o Imutável, é Brahman que tu és. Medita sobre isto profundamente.

264. Sobre esta suprema Verdade que já enfatizamos, se deve meditar profundamente pelo intelecto seguindo os raciocínios recomendados (pelos Vedas). Por esse método se realizará intimamente a Suprema Verdade sem nenhuma dúvida, como água na palma da mão.
265. Realizando intimamente neste corpo ao Conhecimento Absoluto, livre da ignorância primária e de seus efeitos, como se conhece ao rei no meio dos soldados, e estando permanentemente estabelecido sobre seu próprio Ser e baseando-se sobre tal Conhecimento, submerge ao universo em Brahman.
266. Na caverna do *bud-dhi* (na profundidade do intelecto) existe Brahman, diferente do denso e do sutil. Aquele é a Existência Absoluta, é o Supremo, o Um sem um segundo. Aquele que vive como Brahman em tal caverna, ó querido, não entra mais no ventre da mãe.
267. Mesmo depois que a Verdade foi realizada intimamente, perdura esta forte e obstinada impressão, sem princípio, de que se é ator e experimentador. Essa impressão é a causa do renascimento. Devemos arrancá-la com muito cuidado vivendo constantemente identificados com Brahman. Os sábios chamam de *mukti* (liberação) a rápida atenuação dos desejos nesta vida.
268. Identificando-se com o *Atman*, o sábio deve terminar com a ideia ilusória do "eu" e "meu" com relação ao corpo, órgãos, etc., que são manifestações do não-Ser.
269. Realizando ao teu mais íntimo Ser, a testemunha do *bud-dhi* e suas modificações e cultivando constantemente o pensamento positivo "Sou Aquele", vença essa identificação com o não-Ser.
270. Deixando de observar as formalidades sociais, abandonando as ideias do físico e evitando o demasiado entretenimento com as escrituras, aniquila essa sobreposição da ignorância que te ocorreu.
271. Devido ao desejo de conquistar o elogio da sociedade, ao apaixonado entretenimento com as escrituras e a dedicação à comodidade do corpo, as pessoas não logram a verdadeira realização.
272. Os sábios designaram aos mencionados desejos como correntes de ferro, com que estão atados os pés daquele que busca a libertação da prisão mundana. Aquele que é livre delas, realmente logra a libertação.

273. Esfregando-se, é retirado o estranho e hediondo odor da casca molhada e se manifesta o delicado perfume do agarú.
274. Quando a mente que está coberta pela sujeira de virulentos e intermináveis desejos, se purifica pelo constante toque com o Conhecimento, se percebe claramente, o perfume do Ser Supremo, igual ao que acontece com a fragrância do sândalo e do agarú.
275. O desejo da realização íntima do *Atman* está obscurecido pelos inumeráveis desejos das coisas que são do não-Ser e quando estes são destruídos pela constante adesão ao Ser, o *Atman* se manifesta por si só.
276. Quanto mais a mente vai se estabelecendo no Ser íntimo, tanto mais se desliga dos objetos externos e quando são eliminados todos estes desejos, sobrevém a plena realização do *Atman* sem nenhum obstáculo.
277. Estando constantemente estabelecida no *Atman*, morre a mente do yogui; em seguida cessam por completo os desejos. Assim que termine com suas ilusões.
278. *Tamas* é destruído por *rajas* e *sattva*; *rajas* é destruído por *sattva* e este último quando se purifica desaparece por si só. Por isso, com a ajuda de *sattva* termine com suas ilusões.
279. Sabendo com segurança que o *prarabdha karma* (a parte do resultado das ações e pensamentos na vida passada que causou esta vida) manterá este corpo, permaneça quieto e com determinação termine com suas ilusões.
280. Repetindo constantemente o pensamento: "Não sou o *jiva*, sou o Supremo Brahman" elimine tudo que é o não-Ser e assim termine com suas ilusões que lhe chegaram pelos seus desejos passados.
281. Realizando intimamente por sua fé nos *Shrutis*, pelo discernimento e por seu próprio conhecimento, que seu Ser é o Ser de todos, termine com suas ilusões até a sua mais remota aparência.
282. O sábio não tem conexão com nenhuma classe de ação porque se livrou dos conceitos de aceitar e rechaçar. Por isso, mediante a constante dedicação à Brahman, termine com suas ilusões.
283. Termine com suas ilusões para fortificar sua identificação com Brahman, realizando a identidade de *jiva* e Brahman como resultado da prática de: "Tu és Aquele" e outros grandes ditos dos Vedas.

284. Com perseverança e concentração arranca até a raiz a sua ilusão de identificar-se com o corpo.
285. Ó sábio, enquanto permaneça a mais leve percepção de multiplicidade do universo e ainda que os seres individuais sejam como figuras de um sonho, trabalhe incessantemente para terminar com suas ilusões.
286. Reflexione sobre o *Atman*, sem dar a mínima oportunidade ao esquecimento causado pelo sonho e a preocupação por assuntos mundanos ou objetos sensórios.
287. Mantendo-te afastado, como se faz com uma pessoa muito suja, deste corpo feito de carne e outras impurezas e que nasceu dos pais, converta-se em Brahman e assim realize o mais elevado ideal de sua vida.
288. Como se une o espaço dentro da jarra (rompendo-a) com o espaço infinito, assim unindo ao *jiva* com Brahman pela meditação sobre a identidade de ambos, ó sábio, mantenha-se em silêncio.
289. Convertendo-se naquela Realidade, o auto-efulgente Brahman, o substrato de todo fenômeno, abandona ao microcosmo e ao macrocosmo como dois receptáculos impuros.
290. Transferindo sua atual arraigada identificação com o corpo, ao *Atman* que é Existência – Conhecimento - Bem-aventurança Absoluta e emancipando-se do corpo sutil, seja sempre independente.
291. Aquele no qual o universo se reflete como uma cidade no espelho, aquele Brahman tu és; conhecendo isto ficarás plenamente satisfeito.
292. Alcançando Aquele que é Real e sua própria essência primaria, aquele Conhecimento e Bem-aventurança Absoluta, o UM sem um segundo, que não tem forma nem atividade, deves deixar tua identificação com os ilusórios corpos (denso, sutil e causal) como o ator que (depois da representação) deixa sua máscara.
293. Este universo objetivo é absolutamente irreal; também é irreal este ego por sua natureza mutável. Por isso como pode pertencer a este ego mutante e suas associações a percepção de “sei tudo”? (Se refere à fé inerente do homem de que o Ser é Onissapiente).
294. O verdadeiro “Eu” é aquele que é testemunha do ego e dos demais. Ele existe sempre (como testemunha de toda experiência) mesmo no estado de sono profundo. Os mesmos Vedas declaram:

“É sem nascimento, eterno, etc.” Por isso Paramatman é diferente dos corpos densos e sutis.

295. É óbvio que o conhecedor de todas as variações dos objetos transitórios é eterno e imutável. Sempre se nota bem claramente na imaginação, sonho e sono profundo, que os corpos densos e sutis são irrealis. (O corpo denso não é percebido nos estados de sonho e sono profundo e o corpo sutil tampouco é percebido no sono profundo).

296. Assim que, renuncia à identificação com este montão de carne, o corpo denso e também com o ego e o corpo sutil, porque ambos são produto da imaginação do intelecto. Realizando intimamente ao teu próprio Ser que é o Conhecimento Absoluto e ao que não se pode negar no passado, presente e futuro (porque é onipresente), alcance a Paz.

297. Deixe de identificar-se com a família, linhagem, nome, forma, períodos de vida (estudantil, chefe de família, etc.) porque tudo isto pertence ao corpo que é como um cadáver putrefato (para o Conhecedor). Igualmente abandone as ideias de que tu és o ator, etc., que são atributos do corpo sutil e converta-se na essência da Bem-aventurança Absoluta.

298. Também se nota que existem outros obstáculos (os desejos, etc.) que causam a transmigração. A raiz de tudo é o ego, a primeira modificação da ignorância.

299. Enquanto se tem alguma relação com este ego malvado, não há para ele nem a palavra *mukti* ou liberação, que é algo único.

300. Libertando-se das garras do egoísmo, o homem realiza sua verdadeira natureza, como a eclipsada lua quando sai de *Rahu*, o demônio. Então se torna puro, infinito, eternamente bem-aventurado e auto-luminoso.

(A mitologia hindu, em uma maneira popular, diz que as eclipses do sol e da lua acontecem quando o demônio *Rahu* os ataca periodicamente, por haver-lhe privado de beber o néctar que o faria imortal.)

301. Quando se destrói totalmente o egoísmo criado por *bud-dhi*, muito iludido pela ignorância primária e ao qual se percebe no corpo como “Eu sou” (forte, débil, ilustre, etc.), então se alcança a identidade com Brahman, sem obstrução alguma.

302. O tesouro da bem-aventurança de Brahman está envolto pela poderosa e mortífera serpente do ego, que o tem bem guardado,

para seu próprio uso por meio de suas três cabeças que são os três *gunas*. Só o sábio que os destrói cortando as três cabeças com a espada da realização superior, pode gozar deste tesouro que lhe oferece a beatitude.

303. Enquanto dure o mais leve efeito do veneno, como se pode esperar a cura total? O egoísmo faz o mesmo com o yogui que anela a liberação.
304. Pela completa cessação do ego e, como consequência desta, a cessação dos diversos desejos, e por último pelo discernimento sobre a Realidade interna, se realiza a suprema Verdade como "Sou Isto".
305. Imediatamente abandona tua identificação com o ego, o apoderado, que é uma modificação (da ignorância) e está dotado de um reflexo do Ser, e que desviando a uma pessoa não lhe permite que se estabeleça no *Atman*. Por esta identificação chegaste a esta existência relativa cheia de sofrimentos do nascimento, decrepitude e morte; ainda que tu sejas a Testemunha, a Essência do Conhecimento e Bem-aventurança Absoluta.
306. Se não tivesses esta identificação com o ego, jamais existiria a transmigração para ti, que és imutável, eternamente idêntico, o Conhecimento Absoluto, onipresente, a Bem-aventurança Absoluta e de glória imaculada.
307. Por isso, destruindo a este egoísmo, seu inimigo, com a espada do Conhecimento, desfrute direta e livremente da bem-aventurança de seu império, a majestade do *Atman*. Este inimigo é tão maldito que jamais lhe deu paz alguma, portando-se como uma espinha cravada na garganta no momento de comer.
308. Detendo as atividades do ego (como "eu" e "meu") e renunciando a todo apego pelo logro da Realidade, fique livre de toda dualidade e desfrute da beatitude do Ser repousando em Brahman, porque realizaste definitivamente tua natureza infinita.
309. Mesmo quando permanece desarraigado, se o recordamos por um instante, este terrível ego de novo toma vida e cria centenas de danos, como uma nuvem trazida pelo vento durante a estação das chuvas.
310. Ao dominar a este inimigo, o ego, não se deve dar um momento de trégua pensando em objetos sensórios, que é a verdadeira causa de sua nova vida, como acontece com a planta de citrus, quase seca, se a regamos de novo.

311. Só aquele que se identificou com o corpo, deseja os prazeres sensórios; mas aquele que não tem ideia corpórea, como pode estar ávido das mesmas coisas? Por isso a causa real de nossa prisão na transmigração é essa tendência pelos objetos sensórios que fazem surgir as ideias de diferença e dualidade.
312. -313. Quando se desenvolvem os efeitos (ações com motivos egoístas) se nota a semente deles (o desejo dos prazeres sensórios) e quando se destroem os efeitos, se destrói também a semente. Por isso se devem dominar os efeitos. Quando crescem os desejos crescem os atos egoístas, e daí crescem por sua vez os desejos e nunca termina a transmigração.
314. Para romper a corrente da transmigração, o monge deve queimar estes desejos; pois pensar nos objetos sensórios e atuar egoisticamente, faz crescer os desejos.
315. -316. Aumentados por estes dois, os desejos causam a transmigração. No entanto, a maneira de destruir aos três (ação egoísta, pensar nos objetos sensórios e os desejos) é considerar a tudo, em todas as circunstâncias, sempre, em todos os lugares e de todos os modos, como Brahman e somente Brahman. Pela fortificação do anelo para unir-se com Brahman estes três ficam aniquilados.
317. Ao cessar as ações egoístas, se detém o excessivo pensar nos objetos sensórios, e leva a destruição dos desejos e esta é a Liberação, que é considerada como *jivan-mukti* (ser livre ainda nesta vida).
318. Quando se manifesta claramente o desejo da união com Brahman, desaparecem os desejos egoístas, como se desvanece completamente a mais intensa escuridão diante da aurora.
319. Quando sai o sol, não se vê o nevoeiro nem seus efeitos daninhos. Igualmente realizando a Bem-aventurança Absoluta, as amarras não persistem, nem o mais mínimo sinal de sofrimento.
320. Fazendo desaparecer ao mundo externo e interno que percebemos agora e meditando sobre a Bem-aventurança condensada, se deve passar o tempo vigiando se ainda existe algum resíduo do *prarabdha* (as impressões da vida passada que causaram esta vida).
321. Jamais se deve descuidar da constância a Brahman. Sanat Kumar, filho de Brahma, opinou que a inadvertência é a própria morte.

322. Não há pior perigo para um jñani (aspirante ao Supremo Conhecimento) que o descuido de sua própria natureza. Disso vem a ilusão, o egoísmo, a escravidão e o sofrimento.
323. Quando um homem, ainda que seja muito instruído, cobiça os objetos sensórios, o esquecimento o atormenta pelas más inclinações de *bud-dhi* como uma mulher leviana a seu amante.
324. Como os musgos que mesmos retirados, não permanecem assim nem por um instante e de novo voltam a cobrir a água, assim *maya* (a ignorância primária) cobre de novo a um sábio se deixa a prática da meditação sobre o *Atman*.
325. Se a mente se afasta mesmo que por um só momento do ideal (Brahman) e se exterioriza, vai mais e mais para baixo, como uma bola que por descuido se deixa cair do alto da escada, desce saltando.
326. A mente aderida aos objetos dos sentidos ruma suas qualidades e quando amadurece tal pensamento, nasce o desejo e em seguida o homem se dedica a lograr a realização dos desejos.
327. Por isso, para aquele conhecedor de Brahman que pratica o discernimento, não há pior morte que o descuido da concentração. O homem concentrado logra o êxito completo. Assim que, trate com cuidado de concentrar a mente sobre Brahman.
328. Pelo descuido o homem se desvia de sua verdadeira natureza e aquele que se desvia cai. Invariavelmente o homem assim caído se arruína e rara vez se vê levantar-se de novo.
329. Por isso se deve abandonar o excessivo pensamento sobre os objetos dos sentidos, que é a raiz de todo o mal. Só aquele que durante a vida se mantém afastado (deste tipo de pensamentos) torna-se completamente livre depois da dissolução do corpo. (Não há liberação acidental depois da morte). Declara o *Yajur Veda* (no Taittiriya Upanishad) que existe perigo para aquele que vê alguma diferença, ainda que seja ínfima.
330. Em qualquer momento que um sábio nota a mínima diferença no infinito Brahman, instantaneamente essa distinção que nasce da ignorância, se torna para ele fonte de grande perigo.
331. Aquele que se identifica com o universo objetivo que foi negado (como uma coisa real) pelos Vedas, Smritis (leis e mandamentos sócio-religiosos) e centenas de raciocínios, experimenta sofrimento

após sofrimento, como um condenado ladrão, porque fez algo que está proibido.

332. Aquele que está dedicado à busca da Verdade e está livre da ignorância primária, alcança a eterna glória do *Atman*. Mas aquele que está dedicado à irrealidade, perece. Comprova-se isto bem claramente (como comprovavam antigamente pela prova do fogo para saber quem era um ladrão).
333. O sannyasin (monge) deve deixar toda a irrealidade que causa escravidão e deve fixar sempre seus pensamentos sobre o *Atman* como: "Eu mesmo sou Este". Porque a estabilidade em Brahman, lograda pela identidade com Aquele, causa a Bem-aventurança e retira por completo o grande pesar nascido de *avidya* (ignorância), que se experimenta.
334. Reflexionar sobre objetos externos só intensifica seus frutos, aumentando as más tendências, que crescem mais e mais. Conhecendo isto devemos evitar os objetos externos pelo discernimento e em seguida aplicar-nos constantemente à meditação de Brahman.
335. Quando o mundo externo é excluído, a mente alcança o contentamento, o que traz a visão do *Paramatman*. A Realização Suprema rompe a corrente do nascimento e morte. Por isso, a exclusão do mundo externo é o primeiro degrau da Liberação.
336. Onde se encontra a um homem que sendo instruído, sabendo discernir entre o Real e o irreal, crendo na autoridade védica, tendo seus olhos postos no *Atman*, a Suprema Realidade e sendo um aspirante à Liberação, conscientemente recorre como uma criança (néscio) à irrealidade que causará sua ruína?
337. Não há liberação para aquele que tem apego ao corpo, etc. E o livre não se identifica com o corpo e o resto. Aquele que dorme não está desperto, o desperto não está dormindo, porque os dois estados são opostos.
338. Livre é aquele que conhece intimamente que o Ser está em todos os objetos, fixos e móveis, e considerando ao Ser como o substrato de tudo, renuncia a todas as sobreposições (objetos e ideias irrealis) e permanece como o Ser, infinito e absoluto.
339. O método de desfazer a escravidão é sentir-se intimamente unido com o Ser do Universo. Não existe nada superior a identificação com o universo inteiro. Realiza-se este estado pela exclusão do mundo objetivo e pela firmeza no eterno *Atman*.

340. Como é possível que possa excluir ao mundo objetivo aquele que está identificado com o corpo, cuja mente está aderida à percepção dos objetos externos e que atua de vários modos para este fim? A prática de excluir ao mundo deve ser cuidadosamente levada pelos sábios que renunciaram a todo tipo de deveres (sociais), ações (egoístas) e objetos (sensórios) e que estão dedicados apaixonadamente ao eterno *Atman* e que anelam serem donos da Bem-aventurança Imortal.
341. Ao monge que ouviu (devidamente sobre a Suprema Verdade dos lábios do Guru) os Vedas com as seguintes palavras: "Calmo, controlado, etc.", Ihe aconselham a prática de *samadhi* (concentração profunda) para realizar intimamente que o universo é seu próprio Ser.
342. Só aqueles que lograram a Suprema Paz pelo *Nirvikalpa Samadhi*, (em que se realiza a união completa com o Supremo Ser) podem destruir ao ego fortalecido. Os eruditos (por conhecimentos livrescos) não logram fazê-lo. Realmente os desejos são efeitos de numerosas vidas (anteriores).
343. O poder de projeção com a ajuda do poder envolvente conecta ao homem com a sereia da ideia de egoísmo e o distrai com seus atributos (as ideias "sou o ator, etc.").
344. É sumamente difícil vencer ao poder de projeção até que o poder envolvente não seja desenraizado por completo. Este último véu desaparece naturalmente quando o sujeito se distingue claramente dos objetos, como o leite da água. Sem dúvida a vitória é completa e sem obstáculos quando a mente já não oscila diante dos irrealis objetos dos sentidos.
345. O discernimento perfeito logrado pela realização direta (o Supremo Conhecimento) faz distinguir a verdadeira natureza do sujeito da natureza do objeto e rompe a corrente da ilusão criada por *maya*. Então, para o livre não há mais transmigração.
346. O fogo do conhecimento (que nasce) da identidade de *jiva* e Brahman consome integralmente o impenetrável bosque de *avidya* (ignorância primária). Então como pode existir a semente da futura transmigração para aquele que realizou o estado de *advaita* (não-dualidade)?
347. O véu que oculta a Suprema Verdade, só desaparece quando se realiza plenamente a Realidade. Depois ocorre a destruição do conhecimento falso e cessa o sofrimento causado pela influência da distração.

348. Quando se conhece a verdadeira natureza da corda (quando desapareceu a serpente irreal sobreposta pela escuridão) se observam esses três (a desapareção do véu da ignorância, a destruição do conhecimento falso e a cessação do sofrimento). Por isso para romper a corrente da escravidão, o sábio deve conhecer a natureza real dos objetos.
349. -350. Como o ferro pelo contato com o fogo se mostra candente e chispante, assim *bud-dhi* pela inerência de Brahman se manifesta como o conhecedor e o objeto conhecido. Como estes dois, os efeitos de *bud-dhi* são observados como irrealis, nos casos de ilusão, sonho e imaginação, assim as modificações de *prakriti* desde o ego até o corpo e os objetos sensórios são igualmente irrealis. A irrealidade de todos eles provém de sua natureza mutante. O *Atman* jamais muda.
351. A natureza do Paramatman é sempre eterna, conhecimento indivisível, o UM sem segundo, a Testemunha de *bud-dhi* e dos demais. Ele é distinto do denso e do sutil, Ele é o que realmente significa o termo e a ideia de "eu" e é a figura interna condensada de Anandam (a Bem-aventurança Eterna).
352. Discernindo assim ao Real e o irreal e determinando a Verdade (da identidade de *jiva* e Brahman) pelo olho do conhecimento superior e realizando intimamente ao seu próprio Ser, que é o Conhecimento Absoluto, o sábio se libera dos obstáculos e diretamente logra a Paz.
353. Quando pelo *Nirvikalpa Samadhi* (a abstração suprema) o Ser individual se une definitivamente com o Ser Supremo, se destrói totalmente o nó da ignorância do coração.
354. Pelos defeitos de *bud-dhi* surgem as figuras imaginárias como "eu", "tu", "outro". Mas quando o *Paramatman*, o Absoluto, o UM sem segundo, se manifesta em *samadhi*, então todas aquelas imaginações do homem se desvanecem pela realização da verdade de Brahman.
355. Tranquilo, controlado, definitivamente retirado do mundo sensório, abstinentes e dedicado à prática de *samadhi*, o sannyasin (monge) sempre considera a seu próprio Ser como o Ser do universo, e destruindo por esse meio completamente todas as imaginações causadas pela escuridão da ignorância primária, o monge vive bem-aventurado como Brahman, livre de ações (egoístas) e variações mentais.
356. Só estão livres da escravidão da transmigração aqueles que alcançando o *samadhi*, submergiram ao mundo objetivo, os órgãos

sensórios, a mente e até seu próprio ego no *Atman*, o Conhecimento Absoluto. Mas jamais aqueles que falam muito sobre seus conhecimentos secundários.

357. Pela diversidade dos *upadhis* (qualidades sobrepostas pela ignorância primária) o homem se considera cheio de diversidades, mas quando se libera delas, encontra que sempre foi o Ser imutável. Por isso o sábio deve dedicar-se à prática de *Nirvikalpa Samadhi*, para desfazer os *upadhis*.
358. Por sua firme dedicação, o homem adicto ao Real se transforma no Real, de mesma forma que a barata pensando continuamente no *bhramarakita* (um inseto), se converte nele. (Assim é a crença popular).
359. Como a barata, que deixando as demais atividades quando pensa assiduamente no *bhramarakita*, se transforma nesse inseto, exatamente da mesma maneira, meditando sobre a verdade do *Paramatman*, pela influência de sua dedicação única, o yogui logra este estado supremo.
360. A verdade do *Paramatman* é extremamente sutil e não pode ser alcançada pela mente densa e com tendência a exteriorizar-se. Essa verdade só é alcançada por aquelas almas nobres cuja mente está purificada pela prática do *samadhi*, que se logra quando o estado mental se torna muito fino.
361. Como o ouro ao ser aquecido deixa suas impurezas e recobra seu brilho original, assim também pela meditação profunda a mente deixa suas impurezas de *sattva*, *rajas* e *tamas* e alcança a realidade de Brahman.
362. Quando a mente assim purificada pela constante prática se submerge definitivamente em Brahman, o *Samadhi* (a abstração profunda) se transforma de *Savikalpa* (parcial) em *Nirvikalpa* (total) e diretamente conduz à Bem-aventurança de Brahman, o UM sem segundo.
363. Por este último *Samadhi* se destroem todos os desejos que são como os nós na corda (com que o homem está atado), todo trabalho chega a seu fim e ocorre sempre a espontânea manifestação do Ser de si mesmo, em todas as partes, interna e externamente.
364. Como eficaz, a reflexão deve ser considerada cem vezes superior ao ouvir (as fórmulas sagradas dos lábios do Guru) e a meditação é cem mil vezes superior à reflexão. Mas o *Nirvikalpa Samadhi* é simplesmente infinito em sua eficácia.

365. Pelo *Nirvikalpa Samadhi*, a Verdade de Brahman é clara e definitivamente realizada; nunca por outro meio ou estado, porque a mente, cuja natureza é instável, tende a mesclar-se com outras percepções.
366. Assim, com calma mental e sentidos controlados, sempre submerge-te no *Paramatman* que está em teu interior e pela realização de tua identidade com Brahman destrua a escuridão criada pela ignorância primária, que não tem princípio.
367. A primeira porta do yoga está feita do controle da fala, não aceitação de dádivas (supérfluas, limitando-as ao pedido da comida diária), viver sem esperar, livre de ações egoístas e sempre em lugares retirados.
368. A vida em um lugar solitário ajuda a controlar os órgãos sensórios; esse controle por sua vez ajuda a dominar a mente; logrado isto o ego é destruído, o que dá ao yogui uma ininterrupta realização da bem-aventurança de Brahman. Por conseguinte o *muni* (o homem meditativo) sempre deve esforçar-se para controlar a mente.
369. Detenha a fala (e aos outros órgãos sensórios) na mente (não permitas que as ondas mentais atuem sobre os centros dos órgãos). Detenha a mente no *bud-dhi*, a esse ante sua testemunha e a esta última no infinito Ser Absoluto e alcance a Paz Suprema.
370. O yogui se transforma segundo sua associação com qualquer dos seguintes *upadhis* (qualidades sobrepostas): o corpo, os *pranas*, os órgãos, a mente, *bud-dhi* e os demais.
371. Quando isso está detido, se vê ao *muni* facilmente desapegado de tudo e desfrutando plenamente da bem-aventurança permanente.
372. O desapegado é capaz de renunciar interna e externamente, já que pelo anelo de ser livre abandona seus apegos internos e externos.
373. Só o desapegado que está firmemente estabelecido em Brahman, pode renunciar seus apegos externos aos objetos dos sentidos e os apegos internos ao ego (as modificações mentais).
374. Conhece, ó sábio, que para o homem o desapego e o discernimento são como as duas asas para um pássaro. São necessárias as duas; ninguém pode chegar com uma só delas na pequena planta da liberação final que está em cima de um edifício.

375. Só o homem de extremo desapego logra o *Samadhi* e só o homem de *Samadhi* se estabelece no Supremo Conhecimento. Só o homem que realizou a Verdade é livre e só o livre tem experiência da Bem-aventurança Eterna.
376. Para o homem de autocontrole não vejo melhor meio de bem-aventurança suprema que o desapego e se este fica unido com a elevada realização do Ser, conduz o homem à soberania da independência absoluta; e como esta última é a porta para alcançar a belíssima donzela da liberação perpétua, seja desapegado interna e externamente e sempre fixe tua mente no Ser Eterno.
377. Corte seu veemente desejo dos objetos dos sentidos, que são como veneno e são as verdadeiras imagens da morte, e renunciando ao seu orgulho de casta, família e ordem de vida (como estudante, chefe de família, retirado e monge) jogue longe as ações (egoístas). Renuncie à sua identidade com os objetos irrealis como o corpo e os demais e afirme sua mente no *Atman*, porque realmente tu és a Testemunha, Brahman, livre da corrente mental, o UM sem segundo e o Supremo.
378. Fixando firmemente sua mente no Ideal, Brahman, e detendo os órgãos externos em seus respectivos centros, com o corpo imóvel, sem a menor preocupação de mantê-lo e logrando a completa identidade com Brahman, sempre e ininterruptamente bebe em seu próprio Ser a Bem-aventurança de Brahman. Que necessidade há de outras coisas completamente vazias?
379. Renunciando ao pensamento sobre o não-Ser que é mau e origem do sofrimento, pensa no *Atman*, a Bem-aventurança Absoluta, a causa da liberação.
380. Este *Atman*, auto-refulgente, a testemunha de todos, que mora no *bud-dhi*, brilha eternamente. Toma como teu Ideal a este *Atman*, que é diferente de todo o irreal, e excluindo os demais conceitos, medita sobre Ele, como teu próprio Ser.
381. Reflexionando continuamente sobre este *Atman*, sem a menor intervenção de ideias estranhas, se deve realizá-Lo como sendo o seu próprio Ser.
382. Fortalecendo a identidade com Este (o Ser) e abandonando aquilo (o não-Ser), o ego e o resto, se deve viver sem preocupação, considerando a todo o não-Ser, insignificante como uma vasilha quebrada ou algo parecido.

383. Concentrando a mente purificada no Ser, a Testemunha, o Conhecimento Absoluto, e aquietando-a pouco a pouco, se deve realizar intimamente ao infinito Ser em cada um.
384. Deve-se considerar ao *Atman* como o indivisível, o infinito, isento de todas as modificações limitadoras como o corpo, os órgãos, os *pranas*, a mente e o ego que são criações da ignorância de cada um.
385. O céu (o espaço) é sempre livre das centenas de objetos limitadores, como a jarra, o cântaro, a vasilha para grãos, a agulha, etc., e sempre é um só. Exatamente da mesma maneira o Puro *Atman* é UM, quando está livre do ego e dos demais.
386. São simplesmente irreais os objetos limitadores (do Ser Eterno) desde Brahmá (o criador) até a pequena erva. Por isso se deve considerar que o ser individual está sempre unido com o Ser Infinito.
387. Aquilo no qual, por ilusão, parece existir algo distinto, para aquele que discerne sempre mantém sua realidade, jamais muda em outra coisa diferente. Quando desaparece a ilusão, com ela desaparece a serpente ilusória e reaparece a realidade da corda. Assim o (aparente) universo na realidade é *Atman*.
388. O Ser é (aparece como) Brahmá, Vishnú, Indra, Shiva e o universo. Nada existe que não seja Ele.
389. O Ser está dentro e fora, o Ser está adiante e atrás, o Ser está ao sul e ao norte, também o Ser está acima e abaixo.
390. Como a onda, a espuma, o redemoinho, a bolha, etc., são todos em essência água, assim *Chit* (Conhecimento Absoluto) é tudo isto, desde o corpo até o ego. Na realidade tudo é *Chit*, puro e homogêneo.
391. Todo este universo conhecido pela fala e a mente, não é outra coisa senão Brahman; não há nada que não seja Brahman, que exista além do último limite da *prakriti*. Por acaso este cântaro, a jarra, etc., são diferentes da argila da qual foram feitas? (A diferença existe só no nome e na forma). É o homem alucinado e embriagado de *maya* que fala de "tu" e "eu".
392. O *Shruti* (Chandogya Upanishad VIII-24-1) na passagem: "Onde não se vê nada distinto, etc." (Não ouve nada distinto, não conhece nada distinto, Aquilo é o infinito) declara por muitos verbos a ausência da dualidade para quitar as irreais superposições

(das diferenças entre o conhecedor, o conhecimento e o objeto a conhecer).

393. O Supremo Brahman é como o espaço, puro, absoluto, imóvel, imutável, sem exterior nem interior, a única existência sem segundo e o Ser de si mesmo. Por acaso existe outro objeto de conhecimento (que não seja Brahman? Brahman é ao mesmo tempo sujeito e objeto).
394. Que mais há para dizer sobre este tema? O *jiva* não é distinto de Brahman, este vasto universo é Brahman mesmo. Os Vedas inculcam que Brahman é sem segundo e também é um fato indubitável que as pessoas de mente elevada que conhecem sua identidade com Brahman, que renunciaram ao seu contacto com o mundo objetivo e vivem definitivamente unidos com Brahman, tornam-se Eterno Conhecimento e Bem-aventurança.
395. Destrua todas as esperanças que o ego levanta neste corpo denso e sujo; faz o mesmo, com maior força, com o corpo sutil, que é leve como o ar. Realizando intimamente a personificação da Bem-aventurança Eterna, como teu próprio Ser, cuja glória proclamam as escrituras, viva como Brahman mesmo.
396. Enquanto o homem adore este corpo cadavérico, será impuro e sofrerá por causa de seus inimigos e também pelo nascimento, enfermidade e morte. Mas quando pense de si mesmo como sendo tão puro como a essência do bem e imóvel, com segurança se libertará do corpo e dos demais. Também os Vedas afirmam o mesmo.
397. Pela eliminação de todas as existências aparentes sobrepostas ao Ser (como o ego, a mente, etc.), o supremo Brahman, o Infinito, o UM sem segundo e não-agente, permanece em Si mesmo (em sua própria essência).
398. Quando as funções mentais são submersas (pelo *Nirvikalpa Samadhi*) no *Paramatman*, Brahman, o Absoluto, não se vê nada deste mundo fenomenal, tudo fica reduzido a meras conversas (nos lábios dos ignorantes).
399. Conceber que o universo é a única entidade (Brahman) é como fazer permanente a sua inexistência. Como é possível que exista alguma diversidade Naquilo que é imutável, sem forma e Absoluto?
400. Como pode existir alguma diversidade na única entidade desprovida dos conceitos de alguém que vê, o ato de ver e o objeto da visão, quando Aquela é imutável, sem forma e Absoluta?

401. Como pode existir alguma diversidade na única entidade que é invariável, sem forma e absoluta e é perfeitamente plena e imóvel como o oceano depois da dissolução do universo?
402. Como pode existir alguma diversidade aonde a raiz da ilusão (a ignorância primária) é diluída como a obscuridade na luz, naquela Suprema Realidade, o UM sem segundo, o Absoluto?
403. Como se pode permitir alguma palavra sobre a diversidade da Suprema Realidade, que é una e homogênea? Quem já viu alguma diversidade no gozo do sono profundo?
404. Mesmo antes da realização da Suprema Verdade, o universo não existe em Brahman, o Absoluto, a essência da Existência. Em nenhum dos três períodos do tempo (passado, presente ou futuro) a serpente é vista na corda, nem a gota de água na miragem.
405. Os próprios Vedas declaram que do ponto de vista da Verdade Absoluta, este universo dualista é mera ilusão. A mesma experiência se tem no sono profundo.
406. Segundo os sábios, o que está sobreposto em qualquer outra coisa é idêntico ao substrato, da mesma forma que a corda que aparece como a serpente. A diferença aparente (observada pelo ignorante) depende somente da ilusão (enquanto esta dura).
407. Este universo tem sua raiz na mente e jamais persiste se a mente for aniquilada. Assim que dissolva a mente concentrando-a no Supremo Ser, tua essência mais íntima.
408. Pelo *samadhi* o sábio realiza em seu coração ao Infinito Brahman, como algo (porque é indescritível) cuja natureza é Conhecimento Eterno e Bem-aventurança Absoluta, que não tem outro exemplar, que transcende toda limitação, que é sempre livre e sem atividade alguma, e é como o espaço ilimitado, indivisível e absoluto.
409. Pelo *samadhi* o sábio realiza em seu coração ao Infinito Brahman que está desprovido dos conceitos de causa e efeito, que é a Realidade além de toda a imaginação, homogêneo, incomparável, longe de todo tipo de provas (salvo a revelação ou conhecimento direto). Aquilo está estabelecido pelos ditos dos Vedas, (que os hindus aceitam como infalíveis), e sempre conhecido como o sentido do "Eu" (ninguém pode negá-lo).
410. Pelo *samadhi* o sábio realiza em seu coração ao Infinito Brahman que jamais envelhece nem morre, a Entidade Positiva (porque é a Realidade Absoluta) que impede toda negação, que se assemelha

ao plácido oceano, que não tem nenhum nome, em que não existe o mérito nem o demérito, o Eterno, pacificado e Uno.

411. Submergindo completamente o órgão interno (a mente, o intelecto, etc.) no *samadhi*, contempla a teu Ser no *Atman*, cuja glória é infinita e corta tuas amarras fortalecidas pelas impressões de vidas passadas e com cuidado conquista a meta de tua vida humana.
412. Medita sobre o *Atman* que reside em ti (como teu próprio Ser), que não tem nenhuma qualidade limitante, que é a Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta, o UM sem segundo e assim não voltarás mais ao círculo do nascimento e morte.
413. Uma vez que o jogou fora como um cadáver, o sábio não se liga mais a este corpo, ainda que este mantenha uma aparência visível como a sombra do homem, pela força do *prarabdha* (o efeito das impressões passadas, que continua agindo mesmo depois do *samadhi*, mas não produz mais novas causas).
414. Realizando intimamente o *Atman*, o infinito, puro conhecimento e bem-aventurança, joga para longe esta limitação do corpo, cuja natureza é inerte e suja. Em seguida, não o recorde mais, porque recordar o que foi vomitado só causa desgosto.
415. Queimando tudo isto (o não-Ser) com sua raiz no fogo de Brahman, o eterno e Absoluto Ser, o verdadeiro sábio permanece só, como *Atman*, Puro Conhecimento e Bem-aventurança.
416. O conhecedor da Verdade não se preocupa mais se este corpo, tecido com os fios do *prarabdha* se rompe ou permanece intacto, como a guirlanda no pescoço da vaca (que ela não aprecia nem despreza). As forças mentais do sábio estão aquietadas em Brahman, a essência da Bem-aventurança.
417. O conhecedor da Verdade, depois de realizar ao *Atman*, a Bem-aventurança Infinita, como seu próprio Ser, com que objeto ou para quem cuidará seu corpo?
418. O Yogui que conseguiu a perfeição e a liberação nesta vida, goza interna e externamente a Bem-aventurança Infinita em sua mente.
419. O resultado do desapego é conhecimento superior, do conhecimento resulta o afastamento dos prazeres sensórios, o que nos leva a experiência da bem-aventurança do Ser e em seguida vem a Paz Suprema.

420. Em uma série de acontecimentos, se os posteriores deixam de aparecer, os anteriores permanecem estéreis. Mas quando a série é perfeita, naturalmente se seguem uma após a outra, a cessação do mundo objetivo, a extrema satisfação e a Bem-aventurança Suprema.
421. A serenidade diante dos sofrimentos visíveis (deste mundo) é o resultado do Conhecimento. Aquele que cometeu atos repugnantes, influenciado pela ilusão, como pode repeti-los quando possui o discernimento?
422. O poder de afastar-se dos objetos sensórios nasce do Conhecimento e o apego por eles vem da ignorância. O mesmo é observado no caso de alguém que conhece a miragem e outro que não a conhece. Fora isto, que outro resultado tangível logra o conhecedor de Brahman? (Este mundo aparece igualmente a um sábio e a um néscio. O sábio o conhece como irreal e permanece indiferente diante de suas atrações, mas o néscio que o considera como real é arrastado pelas tentações e é arruinado).
423. Para aquele que sente aversão diante dos prazeres sensórios, quando o nó da ignorância em seu coração está totalmente destruído, que causa pode existir para induzi-lo a cometer atos egoístas?
424. O desapego chega a sua culminação quando os objetos sensórios não podem despertar mais desejos. A suprema perfeição do conhecimento é a ausência total dos impulsos egoístas. Alcança-se o máximo limite de retiro em si mesmo quando não reaparecem mais as funções mentais, que foram suprimidas.
425. Aquele que é liberado de todo sentido da realidade dos objetos sensórios por permanecer submerso em Brahman, só participa aparentemente, como um menino ou semi-adormecido, dos objetos sensórios que outros lhe oferecem; ele contempla este mundo como se fosse feito de sonho e tem certo conhecimento do mesmo em momentos ocasionais; este homem é realmente extraordinário; só ele é bendito e estimado por todos e desfruta do resultado do infinito mérito.
426. Este *yati* está firme no Conhecimento Supremo, é equânime, invariável e livre de atividades, e submergindo totalmente seu ser em Brahman goza a Bem-aventurança Eterna.
427. A Iluminação Suprema é aquela classe de função mental, totalmente purificada de seus adjuntos, que reconhece só a identidade de *jiva* e Brahman, que é completamente livre de dualidade e se ocupa unicamente da Inteligência Pura. Aquele que

tem esse Conhecimento é chamado *sthita prajna* (homem de firme iluminação).

428. Aquele *sthita prajna* que possui constante felicidade, que quase se esqueceu deste mundo fenomenal, é reconhecido como *jivanmukta* (livre ainda estando nesta vida).
429. Aquele que, ainda que tenha sua mente submersa em Brahman, está bem alerta e ao mesmo tempo está livre das características do estado de vigília (não reconhece os objetos sensórios nem está apegado a eles), cujo conhecimento está livre dos desejos, é reconhecido como *jivanmukta*.
430. Aquele cujas preocupações pelo estado fenomenal cessaram, ainda que possua um corpo feito de partes, é livre de partes (como Brahman) e cuja mente não tem ansiedade alguma, é reconhecido como *jivanmukta*.
431. A ausência das ideias "eu" e "meu" mesmo neste corpo que lhe segue como uma sombra é um dos signos do *jivanmukta*.
432. Não recordar ao passado, não preocupar-se pelo futuro e ser indiferente ao presente, são signos do *jivanmukta*.
433. Contemplar com olhos de igualdade a todos neste mundo, que por natureza são distintos e cheios de méritos ou deméritos é característico do *jivanmukta*.
434. Manter-se sereno, em atitude de igualdade tanto diante de coisas agradáveis como desagradáveis, é característico do *jivanmukta*.
435. É um *jivanmukta* aquele *yati* (monge) cuja mente, por estar absorvida saboreando a bem-aventurança de Brahman, não reconhece nem a ideia do interior nem do exterior.
436. Aquele que vive indiferente a todas as ideias de "eu" e "meu" com respeito ao corpo, aos órgãos, etc., e também de seus deveres. É conhecido como um *jivanmukta*.
437. Aquele que realizou seu estado de Brahman com a ajuda das escrituras (praticando o discernimento segundo os mandamentos) e é livre da transmigração, é um *jivanmukta*.
438. Aquele que nunca tem a ideia de "eu" com respeito ao corpo, aos órgãos, etc., nem a ideia de que os objetos são reais, é reconhecido como um *jivanmukta*.

439. Aquele que por seu superior conhecimento jamais faz diferença entre *jiva* e Brahman, nem entre Brahman e o universo, é conhecido como um *jivanmukta*.
440. Aquele que sente o mesmo quando sua pessoa é venerada pelas pessoas boas ou atormentada pelos malvados, é conhecido como um *jivanmukta*.
441. Aquele *yati* é realmente liberado no qual os objetos sensórios dirigidos por outros são absorvidos sem causar-lhe nenhuma mudança, como as águas do rio pelo mar, porque ele está identificado com a Existência Absoluta.
442. Para aquele que realizou intimamente a Verdade de Brahman, não há mais apego, como antes, aos objetos dos sentidos. Se existe algo (de apego) então esse homem não realizou a identidade com Brahman, é um (qualquer) cujos sentidos se encontram dirigidos para fora.
443. Se afirmar-se que seu apego nasce do resto do impulso de seus velhos desejos, nossa contestação é *não*. Porque os desejos se debilitam pela identificação com Brahman.
444. Mesmo a má propensão do homem mais libertino é contida na presença de sua mãe; assim ao realizar a completa união com Brahman, a Bem-aventurança Absoluta, não fica mais nenhuma tendência mundana.
445. Nota-se (às vezes) que o praticante de constante meditação tem (ainda) percepção externa (como necessidades físicas ou desejo de ensinar a outros). Os *Shrutis* mencionam que o *prarabdha* (resultado da forte impressão das ações na vida passada que engendraram o corpo atual e o mantém vivo até que este resultado se esgote) é a causa disto, e vendo outros fatos (do praticante) também nós inferimos o mesmo.
446. Enquanto haja percepção de gozo e outras coisas, se reconhece a duração do *prarabdha*. Cada resultado é precedido por uma ação e jamais se viu um resultado independente de uma ação anterior.
447. Quando realizamos nossa identidade com Brahman, todos os resultados de milhares de milhões de ciclos são aniquilados, da mesma forma que os atos do sonho ao despertar-nos.
448. Quando uma pessoa se desperta, por acaso as boas ou más ações com que sonhou a conduzem ao céu ou ao inferno?

449. Realizando ao *Atman*, que é inconexo e indiferente como o espaço, o aspirante não se mancha em absoluto pelas ações futuras.
450. O espaço não é afetado pelo odor do licor pelo seu mero contato com a garrafa; da mesma forma o *Atman* não é afetado pelas propriedades dos *upadhis* (com os conceitos de eu, o corpo, etc.) com os quais está aparentemente conectado.
451. Igual que a flecha atirada em um objeto (não pode ser detida), assim o *karma* (resultado das impressões passadas que causaram este corpo antes da aurora do Conhecimento) não pode ser destruído pelo mesmo Conhecimento.
452. A flecha atirada em um objeto que primeiro foi considerado um tigre, e em seguida quando se viu melhor, resultou ser uma vaca, já não se detém e perfura o objeto com toda sua força.
453. Sem dúvida o *prarabdha karma* é muito forte para o sábio e só se esgota quando termina seu curso pela experiência; mas os outros dois *karmas*, *sanchita* e *agami*, são consumidos pelo fogo do perfeito conhecimento. (*Sanchita*, literalmente, acumulado, são as impressões acumuladas de todas as vidas passadas; *Agami* significa futuro). Mas nenhum dos três tipos de *karma* afeta algo a aqueles que depois de realizar sua identidade com Brahman, vivem sempre absortos neste estado. Estes seres realmente são como o transcendental Brahman.
454. Como para aquele que se despertou não existe a questão da conexão com os objetos vistos durante o sonho, da mesma forma para o sábio que vive como Brahman em seu próprio Ser, o UM sem segundo, livre da identificação com os *upadhis* (os conceitos de ego, intelecto, etc.) a questão do *prarabdha karma* não tem sentido.
455. O desperto continua vivendo bem desperto como seu próprio Ser, e não mantém nenhum conceito de "eu e meu" com relação ao seu corpo de sonhos e os objetos oferecidos ao corpo em tal estado.
456. Ele não tem nenhum desejo de substanciar os objetos irrealis, nem se vê a ele mantendo esse mundo de sonho. Mas se continua preso a aqueles objetos irrealis, então com certeza continua sonhando.
457. Similarmente, aquele que está absorto em Brahman, continua identificado com o Eterno *Atman* e não contempla nenhuma outra coisa. Como alguém recorda os objetos vistos em um sonho, assim o sábio recorda os atos diários de comer, etc.

458. Como o corpo está feito pelo karma (a força das impressões passadas), se pode imaginar que o *prarabdha karma* o fez; mas não é razoável considerar ao *prarabdha* como causa do *Atman*, porque o *Atman* não tem nenhuma causa anterior.
459. Os *Shrutis*, cujos mandamentos são infalíveis, declaram que o *Atman* é eterno, jamais nasce nem envelhece. Por isso, como se pode atribuir o *prarabdha* a alguém que vive identificado com o *Atman*?
460. A doutrina do *prarabdha* só é efetiva enquanto que se viva identificado com o corpo. Mas ninguém admite que o homem de suprema realização se identifique alguma vez com o corpo. Por isso, em seu caso, a ideia de *prarabdha* deve ser descartada.
461. Atribuir a doutrina do *prarabdha* mesmo ao corpo, é certamente um erro. Pois, como pode ter existência (o corpo, a obra de *maya*) algo que está sobreposto? Como pode nascer o que é irreal? Como pode morrer algo que jamais nasceu? Por isso como pode existir a doutrina do *prarabdha* para algo que é irreal? (Shankara com sua sutilíssima inteligência prova que nenhuma lei pode manipular algo que é irreal).
462. -463. Só para convencer a aqueles néscios que têm a seguinte dúvida: Como pode viver o corpo se os efeitos da ignorância até sua raiz são destruídos pelo Supremo Conhecimento? Os Vedas, do ponto de vista relativo, hipoteticamente, mencionam ao *prarabdha*, mas jamais para provar a realidade do corpo, etc., de alguém que tem o Supremo Conhecimento.
464. Só existe Brahman, o UM sem segundo, infinito, sem princípio, sem fim, transcendental e imutável. Naquele não há nenhuma dualidade.
465. Só existe Brahman, o UM sem segundo, a Essência da Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Eterna e isento de atividade. Naquele não há nenhuma dualidade.
466. Só existe Brahman, o UM sem segundo, que é imanente em tudo, homogêneo, infinito e onipresente. Naquele não há nenhuma dualidade.
467. Só existe Brahman, o UM sem segundo, que não se pode nem apreciar, nem desprezar, nem aceitar. Aquele não tem suporte algum (porque é auto-existente). Naquele não há dualidade alguma.

468. Só existe Brahman, o UM sem segundo, sem atributos, sem partes, sutil, Absoluto e imaculado. Naquele não há dualidade alguma.
469. Só existe Brahman, o UM sem segundo, cuja verdadeira natureza é incompreensível e que está além do alcance da fala e da mente. Naquele não há nenhuma dualidade.
470. Só existe Brahman, o UM sem segundo, a Realidade, resplandecente, auto-existente, puro, a Inteligência Absoluta, incomparável e ilimitado. Naquele não há nenhuma dualidade.
471. Os nobres monges que se liberaram de todo apego, que renunciaram a todos os prazeres sensórios, os pacificados, os perfeitamente controlados, realizam esta Suprema Verdade e ao final (quando deixam seus corpos) obtêm a Bem-aventurança Suprema pela união com o *Atman*.
472. Tu também faças o discernimento sobre esta Suprema Verdade, a verdadeira natureza do Ser, que é a Bem-aventurança condensada e abandonando a ilusão criada por tua própria mente, seja livre, desperte (do sonho da irrealidade) e conseguirás a consumação de tua vida.
473. Quando a mente permanece perfeitamente quieta no *samadhi*, visualize a Verdade do Ser pelos olhos da realização clara. Se o significado dos ditos (sagrados) ouvidos dos lábios do Guru, é perfeita e definitivamente discernido, então não te surgirão mais dúvidas.
474. As escrituras, o discernimento, as palavras do Guru, são as provas com relação à realização íntima do *Atman*, a Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta, que se logra rompendo nossa conexão com as amarras da ignorância; mas a experiência própria que nasce da concentração mental (em *samadhi*) é outra prova (a definitiva).
475. A corrente que amarra, liberação, satisfação, ansiedade, convalescência e fome, etc., são percepções puramente pessoais; o conhecimento delas por outros é mera inferência (indireto).
476. Os Gurus e os Vedas instruem e aconselham a seus discípulos desde a margem (para que cruzem o oceano da ignorância), mas o homem de Suprema Realização cruza o oceano de *avidya* (ignorância primária) por sua própria iluminação, ajudado pela Graça Divina. (O conhecimento indireto nasce da leitura e dos conselhos dos mestres, mas o conhecimento direto é o resultado da auto-iluminação).

477. Conhecendo intimamente a seu Ser individual pela realização profunda e alcançando assim a perfeição, o homem com sua mente purificada das idéias dualistas visualiza diretamente ao *Atman*.
478. O veredicto de todos os tratados de Vedanta é que o *jiva* e o universo inteiro não são nada além do que Brahman, e a liberação significa a permanência em Brahman, a entidade indivisível. Os próprios Vedas declaram com autoridade que Brahman é UM sem segundo.
479. Em um momento bendito, o discípulo realizou a união com a Suprema Verdade pelas já mencionadas instruções do Guru, pela (fé na) autoridade dos Vedas e por seu próprio discernimento; seus sentidos se purificaram, a mente permaneceu concentrada, o corpo se tornou imóvel e ele permaneceu perfeitamente estabelecido no *Atman*.
480. Depois de estar concentrado profundamente em Brahman durante certo tempo, quando o discípulo voltou ao plano da consciência comum, cheio de Bem-aventurança Suprema, disse o seguinte:
481. Pela realização da identidade do Ser e Brahman, o intelecto está destruído e suas atividades se diluíram. Agora não sei nada disto, nem de não-isto, e não sei o quê ou quanto é a Bem-aventurança ilimitada!
482. É realmente impossível expressar com palavras ou conceber com a mente a majestade do oceano do Supremo Brahman, repleto de néctar, a Bem-aventurança do Ser; minha mente, que era uma fração infinitesimal, como um granizo se derreteu naquele oceano, e se dissolveu. Agora, essa mente está completamente satisfeita daquela essência de Bem-aventurança.
483. Onde desapareceu o universo? Quem o levou? Em quê se diluiu? Até pouco tempo atrás era visto. Deixou de existir? Que maravilha!
484. No oceano de Brahman, cheio do néctar da Bem-aventurança Absoluta, o que é detestável, o que é aceitável, quem é o segundo e o que é diferente? (Não existe nenhum conceito de distinção.)
485. Neste estado (Supremo) nada vejo, nada ouço, nada conheço, só existo como o Ser, a Bem-aventurança Eterna, distinto do resto (porque sou o sujeito).
486. Saúdo-te repetidas vezes, ó nobre mestre! Tu não tens apego, és o melhor entre as almas boas, és a figura condensada da essência

da Bem-aventurança Eterna, o UM sem segundo, o infinito e permanente oceano da bondade ilimitada.

487. Teu olhar, como a chuva de concentrados raios lunares, tirou meu esgotamento produzido pelas aflições mundanas e em um instante me levou ao incorruptível estado de *Atman*, a Bem-aventurança de infinita majestade.
488. Sou bem-aventurado, alcancei a meta de minha vida, estou livre das garras da transmigração; sou a essência da Bem-aventurança Eterna, sou o infinito; tudo isto por tua graça.
489. Sou desapegado, incorpóreo, livre do corpo sutil, inalterável, pacificado, infinito, imaculado e eterno.
490. Não sou o ator, nem o experimentador, sou o imutável, além das atividades, sou a essência do Conhecimento puro, o Absoluto e estou identificado com a bondade eterna.
491. Sou realmente distinto daquele que vê, ouve, fala, atua e experimenta; sou a essência do Conhecimento, ininterrupto; sem atividade, limite e apego, sou o infinito.
492. Não sou isto nem aquilo (objetos da percepção direta ou indireta), sou o Supremo, o iluminador de ambos, sou realmente Brahman, o UM sem segundo, puro, sem exterior nem interior, sou o infinito.
493. Sou realmente Brahman, o UM sem segundo, incomparável, a Realidade sem princípio, longe das imaginações como "tu", "eu", "isto" e "aquilo", sou a essência da Bem-aventurança eterna, sou a Verdade.
494. Sou Narayana (Vishnú), o destruidor do demônio Naraka; (sou Shiva) o destruidor do demônio Tripura; sou o Supremo Ser e governante, o Conhecimento Absoluto, a Testemunha de tudo, sem idéias de "eu" e "meu".
495. Somente eu resido como o Conhecimento nos seres, sou seu suporte externo e interno; sou o experimentador e os objetos da experiência, tudo aquilo que antes considerava como "isto" e o não-Ser.
496. Em mim, no oceano da Bem-aventurança infinita, os ilusórios ventos de *maya* criam e destroem as ondas do universo.
497. As pessoas pela manifestação (ilusória) dos objetos sobrepostos erroneamente, imagina em mim as idéias de densidade e outras,

do mesmo modo como imaginamos os ciclos, anos, semestres, temporadas, etc., no tempo indivisível e absoluto.

498. O que impõem os néscios muito ignorantes sobre o substrato jamais o suja. As grandes correntes de água vistas na miragem jamais molham o deserto.

499. Como o céu, jamais posso ser contaminado; como o sol, sou distinto dos objetos iluminados; sou sempre imóvel como a montanha e ilimitado como o oceano.

500. Da mesma forma que o céu não tem nenhuma conexão com as nuvens, assim não a tenho com o corpo; por isso como podem afetar-me os estados de vigília, [o estado dos] sonhos e sono profundo, que são atributos corpóreos?

501. O que vem e se vai é o *upadhi* (atributo sobreposto), é ele que atua e experimenta seus frutos, é ele que decai e morre, enquanto que eu sempre permaneço firme como o monte Kula.

502. Para mim, que sou sempre o mesmo e não tenho partes, não há impulsos para a ação, nem para a renúncia [da ação]. Como é possível que faça algum esforço Aquele que é UM, concentrado (como o sal), ininterrupto e infinito como o espaço?

503. Como podem existir méritos e deméritos para mim, que sou sem órgãos, mente, forma e mudanças? Sou a Realização da Bem-aventurança Absoluta. Também os Vedas dizem o mesmo na passagem: "Não tocado pelos méritos, etc.,".

504. Se por acaso a sombra do corpo de um homem é tocada pelo calor ou frio, o bem ou o mal, ele não se sente afetado em nada, porque é distinto da sombra.

505. Como as qualidades dos objetos de uma sala não afetam a lâmpada (que a ilumina), assim também as qualidades dos objetos observados pela Testemunha, que é distinta deles e é imutável e indiferente, não lhe afetam em nada.

506. Assim como o sol é uma mera testemunha das ações humanas, como o fogo queita tudo sem distinção, como a corda está relacionada com algo sobreposto (a serpente imaginada), assim também eu sou o Ser imutável, a Inteligência Absoluta.

507. Não sou o que atua [o ator] nem faço os outros atuarem; não experimento e nem faço os outros experimentarem; não vejo e não faço os outros verem; sou Aquele *Atman* auto-luminoso e transcendente.

508. Ao mover-se o *upadhi* (neste caso a água), não se move o reflexo do sol, mas os néscios atribuem o movimento ao próprio sol, que é imóvel; assim também, (toda atividade de *bud-dhi*, o intelecto, que é um *upadhi* de *Atman* é atribuída pelos néscios ao puro *Atman* da seguinte maneira:) “Sou aquele que atua”, “Sou aquele que experimenta”, “Ah, estou morrendo”.
509. Que caia este corpo inerte na água ou sobre a terra, não me afetam suas qualidades, igual que o espaço, as qualidades da jarra. (O espaço aparentemente encerrado na jarra é o mesmo espaço infinito que não sofre nenhuma modificação, dentro da jarra ou quando está quebrada).
510. Os estados transitórios de *bud-dhi* tais como a atividade, inércia, as amarras que ligam, liberdade e o resto, jamais pertencem ao Ser, o Supremo Brahman, o UM sem segundo.
511. Que ocorram mudanças na *prakriti* de dez, cem ou mil maneiras, que tem isto a ver comigo, o desapegado Conhecimento Absoluto? As nuvens jamais tocam o céu.
512. Sou realmente aquele Brahman, o Um sem segundo, como o espaço sutil, sem princípio, sem fim, em que todo o universo, desde o não-manifestado até o corpo denso, aparece (para o ignorante) tão só como uma sombra.
513. Sou realmente aquele Brahman, o Um sem segundo, que é a base de tudo, que ilumina a tudo, multiforme, onipresente, isento de multiplicidade, eterno, puro, imóvel e absoluto.
514. Sou realmente aquele Brahman, o Um sem segundo, que transcende as diferenciações de *maya*, a mais íntima essência de tudo, que está além de todo tipo de consciências, sou a Verdade, o Conhecimento, a Infinitude e a Bem-aventurança Absoluta.
515. Sou sem atividade, mudanças, partes, nem formas, sou Absoluto, Eterno, auto-sustentado, o UM sem segundo.
516. Sou o Universal, o todo, o Transcendental, o UM sem segundo, Absoluto, Conhecimento infinito, homogêneo e a Bem-aventurança.
517. Pela suprema majestade de tua graça, recebi este esplendor da soberana auto-refulgência. Saúdo-te, ó glorioso e nobre mestre! Saúdo-te repetidas vezes!
518. Ó Guru! Por tua graça fui despertado (da ignorância) e me salvastes para sempre. Estava vagando em um sonho interminável.

519. (Estava vagando) em um bosque ilusório de nascimento, velhice e morte, atormentado dia após dia por inesgotáveis aflições, penosamente aterrorizado pelo tigre do egoísmo. Saudações a ti. Ó rei dos Gurus! A bondade inexpressável; Tu és sempre o mesmo e te manifestas como este universo. Saúdo-te.
520. Vendo ao digno discípulo, que logrou a bem-aventurança do Ser, realizou a Verdade e tinha seu coração cheio de alegria, prosternar-se diante dele, aquele nobre e ideal Guru lhe dirigiu as seguintes palavras sublimes:
521. O universo é uma ininterrupta série de percepções de Brahman, de maneira que é, em todos os sentidos, nada além de Brahman; veja-o assim em todas as circunstâncias com olhos iluminados e com a mente serena. Existe alguém com olhos que veja algo mais que formas ao seu redor? Assim, para um homem de suprema realização, o que pode existir além de Brahman que ocupe todo seu intelecto?
522. Onde existe um sábio que deixando o gozo da Bem-aventurança Suprema brinque com objetos insignificantes? Quando brilha a muito bela lua, quem quer ver a lua pintada?
523. Não há satisfação na percepção dos objetos irrealis nem a cessação do sofrimento nascido dela. Por isso estando satisfeito na realização da Bem-aventurança Absoluta, o UM sem segundo, viva feliz, identificado com Brahman.
524. Ó alma nobre! Passa teu tempo contemplando apenas ao *Atman*, pensando Naquele, o UM sem segundo e desfrutando da Felicidade do Ser.
525. Os conceitos dualistas no *Atman*, o Conhecimento Infinito, o Absoluto, são como castelos no ar. Por isso, identificando-se com a Bem-aventurança Absoluta, o UM sem segundo, e assim logrando a Paz Suprema, mantenha-se tranqüilo.
526. Para o sábio que realizou intimamente a Brahman e está identificado com Aquele, a mente que é a causa das imaginações irrealis, está pacificada. Realmente, esta é a plena quietude na qual há constante gozo da Bem-aventurança Suprema, o UM sem segundo.
527. Para aquele que conhece sua própria natureza e bebe a plena felicidade do Ser, não existe melhor regozijo que a quietude nascida do desapego.

528. Caminhando ou estando quieto, sentado ou deitado, ou em qualquer outra situação em que se encontre o sábio iluminado, cujo único deleite está no Ser, sempre vive satisfeito.
529. Aquela alma nobre que realizou perfeitamente a Verdade e cujas funções mentais estão livres de obstáculos, não depende mais das condições de lugar, tempo, postura do corpo, direções cardeais, disciplinas morais, idéias (ou objetos) de meditação e outras coisas. Para conhecer ao próprio Ser, que condições reguladoras podem existir?
530. Para conhecer que esta é uma jarra, que outra condição é necessária mais de que o meio de conhecimento (por exemplo, os olhos para ver) seja livre de defeitos? Porque só isto (o meio do conhecimento sem defeito) assegura o conhecimento do objeto.
531. Assim este *Atman*, a Realidade Eterna, se manifesta enquanto está presente o verdadeiro meio de conhecimento superior e não depende de lugar, tempo ou purificação (interna).
532. A consciência de que "Sou Devadatta" (Sou Fulano) é independente das circunstâncias; de forma similar o conhecedor de Brahman tem o conhecimento: "Sou Brahman".
533. Aquele cuja refulgência, como a do sol, ilumina a todo o universo; como é possível que algo sem substância, irreal e insignificante possa manifestá-lo?
534. Na realidade, o que pode iluminar ao Eterno Sujeito que dá significado aos Vedas, Puranas e outras escrituras e também aos seres?
535. Aqui está o auto-luminoso *Atman*, de infinito poder, além de todo tipo de conhecimento condicionado, mas a quem todos sentem (como seu próprio Ser); só conhecendo-o pode-se tornar o supremo conhecedor de Brahman e sendo livre vive sua gloriosa vida.
536. Satisfeito pelo néctar puro de Bem-aventurança Absoluta, (o supremo conhecedor) não se aflige nem se alegra pelos objetos sensoriais, não sente apego nem aversão por eles e sempre se deleita satisfeito no Ser.
537. Como um menino brinca com seus brinquedos esquecendo a fome e as dores físicas, exatamente assim o emancipado se goziza na Realidade e está contente sem as idéias de "eu e meu".

538. Os seres emancipados conseguem seu alimento mendigando-o sem as idéias de ansiedade ou humilhação e a bebida, da água dos rios; vivem livres e despreocupados, dormem sem temor nos bosques, campos ou crematórios; seus trajes podem ser feitos das próprias direções cardeais (andam nus) não necessitando lavar-se ou secar-se, ou feitos de qualquer folhagem das árvores; a terra é seu leito, passeiam pelas avenidas da Vedanta (conhecimento superior) e passam seu tempo no Supremo Brahman.
539. O conhecedor do *Atman* não leva nenhum signo externo, não tem apego aos objetos sensórios, mora no corpo sem identificar-se com ele, e experimenta como um menino todo tipo de objetos sensórios como se apresentam, ou segundo o desejo dos demais (amigos ou devotos) (para terminar o *prarabdha karma*).
540. Estabelecido no plano do Conhecimento Absoluto, vaga pelo mundo, ora como um louco, ora como uma criança, ou como um mendigo, às vezes nu, às vezes bem vestido, às vezes coberto por uma pele ou folhagem de árvore.
541. Sendo a figura do não-desejo, sempre satisfeito com seu próprio Ser, e sentindo-se presente em tudo, o sábio vive só e desfruta dos objetos.
542. Às vezes como um néscio, ou como um sábio, ou com o esplendor de um rei, às vezes vagando (sem propósito), às vezes imóvel como uma cobra (sem fazer esforço pra buscar a comida); às vezes com expressão benigna; honrado, insultado ou desconhecido, assim vive o emancipado, sempre satisfeito com a Bem-aventurança Suprema.
543. Ainda que não possua riquezas, sempre está contente; ainda que esteja desamparado, sempre é muito forte; ainda que não goze dos objetos sensórios, está eternamente satisfeito; ainda que seja incomparável, ele é o mesmo para todos.
544. Ainda que atue, é inativo (porque não tem nenhum conceito da individualidade); ainda que experimente os resultados das ações passadas, é desapegado; ainda que esteja em um corpo, não se identifica com este; ainda que (pareça) limitado, é onipresente.
545. A este conhecedor de Brahman que sempre vive sem nenhuma idéia corpórea, jamais lhe afeta nem o prazer, nem a dor, nem o bem, nem o mal.
546. O prazer ou a dor, como o bem ou o mal, afetam só aquele que está conectado com o corpo denso e os demais. Mas, como podem

afetar o bem, o mal, ou seus efeitos, ao sábio que se identificou com a Realidade e que despedaçou as correntes que lhe prendem?

547. O sol parece ser devorado por Rahu (segundo a crença popular dos hindus que assim interpretam o eclipse solar), mas nunca na realidade. Só as pessoas que estão sob a ilusão (da ignorância primária) e não conhecem a verdadeira natureza do sol, opinam que Rahu realmente devora o sol.
548. Assim as pessoas ignorantes, vendo só a aparência, opinam que é corpóreo o perfeito conhecedor de Brahman, o qual está completamente livre de todas as amarras corpóreas.
549. No entanto, o sábio vive descartando o corpo (des-identificando-se), como a serpente que retirou sua pele; seu corpo é movido para cá ou para lá pela força do prana (força vital).
550. Como um pedaço de madeira é levado aos lugares altos ou baixos pela corrente (do rio), assim seu corpo é levado pelo impulso das ações passadas, para que experimente os frutos quando se apresentam.
551. O homem de suprema realização, que não tem nenhuma idéia corpórea, se move entre os objetos sensórios, aparentemente como um homem sujeito à transmigração, pelos desejos engendrados pelo *prarabdha karma*. (Assim o considera o ignorante, porque em realidade, o *prarabdha* não o afeta em nada). No entanto, ele vive no corpo sem ser afetado, como uma testemunha, bem livre de oscilações mentais, como o eixo da roda do ceramista.
552. Não dirige os órgãos sensórios até os objetos, nem os retira deles, mas permanece como um espectador indiferente. Tampouco presta alguma atenção aos frutos das ações, porque sua mente está completamente embriagada do néctar da bem-aventurança do *Atman*.
553. Aquele que, abandonando as noções de apreciação ou desprezo vive como o Absoluto *Atman*, é realmente Shiva (Deus) mesmo e o melhor entre os conhecedores de Brahman.
554. Pela destruição das limitações, o perfeito conhecedor de Brahman está unido com o único Brahman sem segundo, como sempre esteve (só que antes não o sabia). Conquistando o ideal de sua vida se sempre perfeitamente livre mesmo nesta vida.
555. Como um ator (de teatro) que se veste especialmente para uma representação, ou se veste em traje de rua, sempre é o mesmo

homem, assim o perfeito conhecedor de Brahman sempre é Brahman e nada mais.

556. Que se seque e caia como uma folha de árvore em qualquer parte, o corpo do *yati*, que se identificou com Brahman, porque aquele já foi queimado pelo fogo do Conhecimento Supremo.
557. O sábio que vive sempre na Realidade, na Bem-aventurança infinita, em Brahman, não depende mais de suas costumeiras considerações de lugar, tempo, etc., para deixar esta massa de pele, carne, e coisas sujas. (Como o corpo já serviu o seu propósito, pode deixá-lo assim que quiser).
558. Porque deixar o corpo ou o bastão e o pote de água (que são insígnias de um monge) não significam a liberação, que consiste na destruição do nó do coração, a ignorância primária. (A renúncia externa não tem muita eficácia).
559. Se uma folha cai em um arroio ou em um rio, ou em um lugar santificado por Shiva (por Sua viva presença), ou em uma encruzilhada, que bem ou mal pode causar à árvore?
560. A destruição do corpo, os órgãos, *pranas* e *bud-dhi*, é como a queda de uma folha, flor ou fruto; não afeta nada ao *Atman*, a Realidade, a Bem-aventurança condensada, que é nossa verdadeira natureza. Este sobrevive, como a árvore.
561. Os Vedas quando querem afirmar a verdadeira natureza do *Atman*, pela seguinte frase: "O Conhecimento condensado, etc.", falam da destruição somente das limitações. (Veja Brihadaranyaka Upanishad, IV-5-13).
562. "Realmente, minha querida, este *Atman* é imortal" (conversaçoão entre Yagñavalkya e sua consorte Moitreyi).
563. Como ao serem queimados, a pedra, a árvore, a palha, o arroz, o farelo, etc., todos (sem distinção) se reduzem a terra (cinzas), assim o universo inteiro composto de corpo, órgãos, *prana*, mente, etc., quando está consumido pelo fogo de conhecimento, se reduz ao Supremo Ser.
564. Assim como a obscuridade que é distinta (da luz) desaparece no resplendor do sol, o inteiro universo objetivo (ao surgir o conhecimento superior) se submerge em Brahman.
565. Assim como ao romper-se a jarra, o espaço encerrado nela se confunde evidentemente no espaço ilimitado, do mesmo modo

quando se destroem todas as limitações o conhecedor de Brahman se converte em Brahman mesmo.

566. Assim como ao verter-se o leite no leite, o azeite no azeite, a água na água, se une e volta a ser o mesmo, o sábio que realizou intimamente ao *Atman*, se une para sempre com Ele.

567. Realizando assim o extremo isolamento (total desapego) que nasce da incorporeidade e identificando-se eternamente com a Realidade Absoluta, Brahman, o sábio não sofre mais a transmigração.

568. Como seus corpos (denso, sutil e causal) que estão feitos de *avidya* (ignorância) e seus efeitos, foram queimados pela identificação do *jiva* e Brahman, o sábio se transforma em Brahman, e como pode Brahman renascer?

569. A escravidão e a liberação que *Maya* conjura, não existem no *Atman*, a Realidade de si mesmo, como o aparecer e desaparecer da serpente (ilusória) não está na corda, a qual não sofre nenhuma mudança.

570. Segundo esteja presente ou ausente um véu encobridor, se pode falar de escravidão e liberação. Mas não pode existir nenhum véu encobridor para Brahman, que está sempre descoberto, porque não existe nada além Daquele. Se existisse, a não-dualidade de Brahman seria refutada. Também os *Shrutis* jamais admitem o conceito de dualidade.

571. A escravidão e a liberação são atributos do *bud-dhi* (o intelecto), que os ignorantes sobrepõem à Realidade, como quando a visão está coberta (obstaculizada) pelas nuvens e se diz que o sol está coberto. Este Brahman imutável é Conhecimento Absoluto, o UM sem segundo, e inconexo.

572. As idéias de que existe a escravidão ou não, são com relação à Realidade, meros atributos do *bud-dhi* e jamais pertencem a Realidade Eterna, Brahman.

573. De maneira que a escravidão e a liberação são criações de *Maya* e não existem no *Atman*. Como pode existir alguma idéia de limitação com respeito à Suprema Verdade, que é como o infinito espaço, que não tem partes, nem atividade, que é calma, soberana, imaculada, o UM sem segundo?

574. Não há morte nem nascimento, nem o ser ligado nem o praticante espiritual; não há aspirante à liberação nem o liberado. Esta é a verdade última. (Desde o ponto de vista monista, a

Verdade, a Realidade ou a Existência é única, é o absoluto, o resto é condicionado, relativo e transitório. Aquela Verdade não pode ser expressa em termos positivos. A auto-realização espiritual é alcançada pelo método do discernimento puro entre o Real e a não-realidade).

575. Considerando-te um aspirante à liberação, purificado das manchas desta era da ignorância (e bem preparado) porque tua mente está livre de desejos, hoje várias vezes eu lhe revelei, como ao próprio filho, este excelente e profundo segredo (conhecimento) que é o mais íntimo significado de toda a doutrina da Vedanta, a coroa dos Vedas.

576. Ouvindo estas palavras do Guru, o discípulo, com profunda reverência, se prostrou diante dele e em seguida com sua permissão partiu, liberado da escravidão.

577. E o Guru, com a mente submersa no oceano da Existência e Bem-aventurança Absoluta, seguiu caminhando, purificando com sua presença ao mundo inteiro, havendo desaparecido toda diferenciação de sua mente.

578. Assim, na forma de diálogo entre Guru e discípulo, foi narrada a natureza do *Atman*, para a fácil compreensão do aspirante à liberação.

579. Que aqueles *yatis*, aspirantes à liberação, purificados das manchas da mente pelos métodos prescritos, que têm aversão aos prazeres mundanos, cuja mente está tranqüila e que se deleitam nos *Shrutis*, apreciem este ensinamento saudável.

580. Para aqueles que sofreram nesta vida mundana pelos queimantes raios do tríplice sofrimento (corpóreo e mental; penúrias que vêm da natureza, como terremotos, ciclones, etc., e os que vêm dos animais) e os que iludidos vagam no deserto em busca de água, para eles eis aqui a triunfante mensagem de Shankara, indicando-lhes o muito próximo, reconfortante oceano de néctar, Brahman, o UM sem segundo, para guiá-los até a liberação final.

